UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

EDUARDO PIO DA SILVEIRA

Notícias de arquitetura nos jornais de São Paulo, 2000 a 2002

São Paulo
2007

EDUARDO PIO DA SILVEIRA

Notícias de arquitetura nos jornais de São Paulo, 2000 a 2002

Dissertação apresentada à Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre
em Arquitetura

Área de concentração: Projeto de Arquitetura
Orientadora: Pr.^a Dr.^a Marlene Yurgel

v. 1

São Paulo

2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA:

E-MAIL: epsilveira@gmail.com

Silveira, Eduardo Pio da
S587n Notícias de arquitetura nos jornais de São Paulo,
2000 a 2002 / Eduardo Pio da Silveira. - - São Paulo,
2007.
2 v. : il.

Dissertação (Mestrado – Área de Concentração:
Projeto de Arquitetura) – FAUUSP.
Orientadora: Marlene Yurgel.

1. Arquitetura (Crítica) 2. Jornais – São Paulo (SP)
I. Título

CDU 72.072.3

Agradeço à Pr^a. Dr^a. Marlene Yurgel
pela atenção e sábia orientação,
e aos funcionários e pesquisadores do CESAD e do LABARQ
da FAUUSP, que gentilmente atenderam
quando precisei da estrutura destes laboratórios.

RESUMO

Pesquisa destinada a avaliar as notícias sobre arquitetura publicadas nos jornais da cidade de São Paulo: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*, foram separadas notícias, notas, artigos, resenhas, colunas, e entrevistas sobre arquitetura no período dos anos 2000, 2001 e 2002. Partindo-se do conceito de que pouca coisa é divulgada sobre o tema arquitetura e temas correlatos, tais como urbanismo e desenho industrial, foi feita essa pesquisa no sentido de verificar a procedência da hipótese, e possíveis causas e efeitos de uma eventual lacuna na informação dos jornais. Todos os artigos encontrados do período foram catalogados, cadastrados e analisados, e alguns foram comentados no desenvolvimento da dissertação. Procurando sempre o aspecto da crítica e análise da arquitetura, a maior parte das matérias foi selecionada dos cadernos culturais dos jornais; também se buscou compreender a capacidade que essas matérias têm em serem compreendidas pelo público leigo e informarem, de maneira a atrair o público leitor em geral para temas da arquitetura. Este foi o motivo por terem sido escolhidos veículos de comunicação de massa, e esta foi a principal idéia que motivou a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

arquitetura – crítica – jornais – notícia

ABSTRACT

The objective of this research is to evaluate news published about architecture in the newspapers of the city of São Paulo: *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*. News, articles, paragraphs, interviews etc about architecture were selected from the editions of these newspapers in the years 2000, 2001, and 2002. Based on the concept that very little is published on the subject of architecture and related themes, such as urbanism and industrial design, this research was undertaken in order to verify the accuracy of this hypothesis, and the possible causes and effects of this lack of information in these newspapers. All articles found during the period were catalogued, registered and analysed, and some were commented on during the development of the dissertation. Searching the critic and analyses aspects, most of the materials were taken from the cultural sections of the newspapers and the focus was on the way in which the theme of architecture is dealt with. The research also attempted to understand the capacity of these textual materials to be understood by the lay public (nonspecialised), and to inform, in such a way as to attract the lay reader to the theme of architecture in general. It was for this reason that mass communication vehicles were chosen, and this was the principal idea that motivated the research.

KEY WORDS

architecture – critic – journals – news

Sumário

VOLUME 1

Introdução	5
Capítulo 1 – A arquitetura no jornalismo	
1 Circunstância brasileira	11
2 Os jornais - um pouco de um assunto complexo	14
2.1 O público leitor	14
2.2 O jornal hoje	15
2.3 Onde está a arquitetura nos jornais	17
2.4 Os cadernos culturais	18
2.5 A exigência do diploma	22
Capítulo 2 – A crítica de arquitetura	
3 A crítica especializada	24
3.1 A crítica de arquitetura e os temas contemporâneos	26
3.2 A situação em outros jornais	29
Capítulo 3 – O jornalismo na arquitetura	
4 Modernismo - pós-modernismo e a arquitetura	33
5 Artigos selecionados	35
Conclusão	73
Bibliografia	75
Apêndices	81

VOLUME 2

Anexo A	89
Anexo B	126

Introdução

Este estudo tem a finalidade conhecer o que existe de informações sobre arquitetura nos jornais, isto é, o conceito genérico, as impressões, posições e abordagem que a imprensa não-especializada e o público, através dela, apresentam em relação à arquitetura. Apurar que vínculos existem entre a arquitetura, os jornais e o público.

A arquitetura, gênero atrativo.

Segundo Evaldo Coutinho “A arquitetura, a despeito de gênero de arte abundante e atrativo, não fomenta, em relação a ela, uma atividade crítica no mesmo índice de freqüência que a literatura, a pintura, etc.”¹ A arquitetura, por sua natureza por vezes “silenciosa”, está sempre presente e visível ao passar despercebida, figurando na maioria das vezes como pano de fundo. Discreta, quando não monumental, ou extravagante, o que em certo sentido é uma boa qualidade (ao se buscar sua adequação ao entorno), visualmente é mais notada por todos quando algo diferente acontece, como por exemplo, ao se perceber a modificação de um local com uma obra nova, ou quando uma construção é demolida. Mesmo assim, quando a arquitetura está envolvida poucos sabem do que se trata, na maioria das vezes imaginam ser mais um trabalho de engenharia.

Esta arquitetura é ignorada pela maioria das pessoas, e a falta de debate sobre ela vai contribuir mais ainda para este desconhecimento. Dentro deste contexto o trabalho pretendeu investigar qual o espaço na imprensa é destinado à crítica e compreensão da arquitetura, e de que maneira o público leigo tem a possibilidade de tomar contato com o tema. Considerando que é este público que criará a demanda para a arquitetura, a questão da veiculação do debate e da crítica é fundamental tanto para a compreensão e qualificação do espaço construído, como para o exercício profissional do arquiteto.

¹ COUTINHO, Evaldo. **O Espaço da Arquitetura**. São Paulo, 1998. p. X.

Arquitetura como profissão e seus resultados concretos construídos são conhecidos por uma pequena parcela da população, e por uma pequena parcela dos potenciais beneficiários da arquitetura, tanto que é comum confundirem o arquiteto com o engenheiro. A informação tem uma influência nesta lacuna, neste trecho Villanova Artigas trata especificamente deste tema:

Talvez fosse mais justo perguntar como a arquitetura e o urbanismo de hoje informam ou poderiam informar a sociedade sobre o seu conteúdo e o seu destino. [...] Mais ainda, caberia perguntar se a mensagem que ela eventualmente transmite é compreensível e a que níveis de receptores.²

Uma maior informação disponível, de fácil acesso, e específica sobre arquitetura, melhoraria sua prática, e também haveria uma exigência de qualidade, como resultado de mais conscientização pública sobre o tema. Por isso o interesse e o foco a pesquisa sobre o espaço da arquitetura na imprensa não-especializada, aquela de circulação e interesse geral, não as revistas destinadas aos arquitetos. Hoje mais do nunca a força da comunicação na sociedade se faz presente, é formadora de opinião e determinante nas relações econômicas, culturais e políticas.

Objetivos

A busca da melhoria de nossas construções e cidades é um objetivo a ser perseguido com todos os instrumentos de que dispomos, e é verdadeira a afirmação de que a conscientização da sociedade sobre as questões da arquitetura e do urbanismo contribuiria muito neste processo. A preocupação de que o leitor em geral não está recebendo uma informação de qualidade e com frequência, tem a mesma dimensão da certeza de ser esta uma situação circunstancial, por existir apenas momentaneamente, e que haveria um potencial para transformá-la a partir de um incremento da exigência da própria sociedade, que mais educada e com maior poder aquisitivo, estaria buscando mais informação. A arquitetura estaria entre estes bens culturais almejados pela sociedade.

²ARTIGAS, João Batista Villanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo, 1999, p. 99.

Nesta pesquisa a imagem da arquitetura é outro ponto importante, e que ainda pode ser distinguido em dois aspectos distintos: a imagem da arquitetura enquanto objeto construído, e a imagem do arquiteto e de sua atuação, isto é, quem é o arquiteto e como as pessoas enxergam o profissional enquanto classe.

A imagem enquanto obra construída, da cidade, das praças, igrejas, escolas etc. é muito evidente para todos, está explícita em sua presença física, mas não há reflexão. Atualmente a população tem muito presente a noção de que os grandes edifícios das cidades modernas são frios e impessoais, a arquitetura moderna entra neste contexto como uma vilã, este aspecto se aproxima do outro foco de interesse da pesquisa, que é a questão do moderno e do pós-moderno³, e desta imagem de uma cidade desumana, da arquitetura fria.

Para a categoria dos arquitetos a imagem do profissional é uma questão importante. Analisar e debater são fundamentais como forma de melhor conhecer, de buscar caminhos de atuação, evidentemente uma melhoria na aceitação do profissional por parte do público seria benéfico a todos. Para as associações de classe e representantes profissionais, procurar formas de fazer com que a sociedade compreenda o papel do profissional passa obrigatoriamente pela relação com meios de comunicação, e identificação de falhas de comunicação.

No seguimento desta lacuna de informação a ser preenchida, outro objetivo deste estudo é entender de que maneira esta informação fornecida ao leitor poderia ser incrementada pela imprensa, no sentido de oferecer mais material jornalístico de qualidade sobre o tema.

O jornal, o próprio nome diz trata do dia-a-dia, do momento atual e de todos os momentos, do passado e também de planos e projetos futuros, é de interesse geral, deveria abranger tudo com amplos horizontes, embora hoje esteja com a tendência de ser cada vez mais sem profundidade, escrito para um leitor cada vez mais apressado. Mas o significativo é que jornal não tem limites de assunto, tem o potencial de ser democrático, tudo pode ser publicado, basta definir a pauta certa.

³ MONTANER, Josep Maria, **A Modernidade Superada**. Barcelona, 2001, p. 138. Sobre o assunto ver o autor no capítulo *Crise das vanguardas e paradoxos da modernidade*, sustenta que a busca da originalidade e novidade gera a hostilidade do público e que justamente o trabalho de Aldo Rossi e Robert Venturi procura a antivanguarda, e reconstrói “a ligação comunicativa entre a arquitetura e a coletividade a partir da memória (Rossi) e das linguagens convencionais (Venturi)”.

Método

Foram selecionados jornais dos anos 2000, 2001 e 2002, buscou-se, desta forma, trazer a pesquisa para uma investigação da situação mais atualizada possível. Uma pesquisa de uma época anterior seria uma pesquisa histórica datada, estabelecendo fatos específicos como painel central de análises, como por exemplo, seria a definição de um recorte de tempo que envolvesse a construção de Brasília, o que deslocaria o foco pretendido de analisar a atuação dos jornais em relação à arquitetura.

Para a pesquisa e coleta de artigos foi utilizada a base de dados do Arquivo de Imprensa do Laboratório de Dados (CESAD), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP) que, entre outras atividades coleta, cadastra e arquiva artigos de jornais de São Paulo, que possam ser de interesse para pesquisas na FAU. Todos os artigos relativos à arquitetura cadastrados pelo laboratório foram selecionados e escaneados.⁴

Os artigos vieram dos jornais pesquisados: *Folha de São Paulo (FSP)*, *O Estado de São Paulo (ESP)* e *Jornal da Tarde (JT)*, predominantemente dos cadernos de cultura, dos suplementos semanais e alguns poucos de cadernos de cidades ou cotidiano.

Depois de digitalizados e arquivados os artigos foram cadastrados. O cadastro tabulado em planilhas e os arquivos digitais formaram parte da base de análise e redação.

Impressões iniciais

De início havia uma preocupação a ser investigada e “comprovada”:- A arquitetura não seria tratada pela imprensa de forma abrangente, com trabalhos em quantidade e qualidade, que fossem capazes de informar satisfatoriamente um leitor que se dispusesse a conhecer e se informar sobre o tema. - Com esta premissa,

⁴ Todas as imagens digitalizadas estão disponíveis para consulta em CD anexo.

e concordando com esta visão, foram encontrados vários textos de autores desde os anos 50, depoimentos diversos que serão analisados no decorrer da dissertação, e que, apesar de não se referirem apenas ao veículo jornal, tratam da questão em geral: a falta de um maior debate crítico sobre a arquitetura.

Em uma pesquisa, o ideal é proceder sem ter uma posição fechada, uma solução preferida. Permanecer aberto para descobrir novos caminhos, não permitir que uma solução seja a preferida, forçando a condução para atingir determinada resposta.

Ao aprofundar a análise constata-se que na realidade não se pode afirmar que exista um total desinteresse em relação à arquitetura, então outro parâmetro começa a se fazer presente, este relativo à qualidade e profundidade da maior parte da informação publicada, e então se verifica que também deve haver uma avaliação sobre outros aspectos das publicações, tais como regularidade, frequência, autoria, temas predominantes.

Em termos gerais verificou-se que há uma regularidade esparsa e desconstruída de vários tipos de matérias e artigos, escritos por diversos jornalistas, e alguns com maior frequência. Também há temas predominantes, tais como: lançamentos de livros, exposições, Bienais, concursos de projetos, projetos significativos, premiações e até notas de falecimento, eventualmente acrescidas de alguma biografia mais aprofundada.

O que existiu, e isso se mostra evidente analisando a frequência com que as matérias foram publicadas, foi uma falta de periodicidade na publicação de artigos e reportagens sobre arquitetura. Na proximidade de um evento especial como uma Bienal, e em algumas edições de Bienais, a brasileira ou a de Veneza, a cobertura foi muito intensa, com vários autores e convidados, jornalistas, professores e profissionais que por vezes conseguiram aprofundar o tema, constata-se isto quando se observa o conjunto dos artigos como um todo, porque estas coberturas especiais são eventuais, e também desproporcionais. Em uma edição de Bienal ocorreu uma grande cobertura, mas dois anos depois a mesma Bienal em nova edição passou praticamente sem registro.

Arquitetos ou professores de arquitetura escrevem esporadicamente como convidados. São textos de maior profundidade, geralmente analisando algum tema específico como uma exposição, ou uma resenha num lançamento de livro, por vezes gerando alguns artigos com muita informação e riqueza de argumentação,

entretanto para o público leigo estes textos são difíceis, não têm a linguagem direta e objetiva do jornalismo. Normalmente são publicados nas edições de domingo, quando circulam os cadernos especiais, para o leitor que dispõe de mais tempo, já os cadernos culturais diários cada vez mais tomam a forma de variedades e são específicos para uma leitura ligeira.

Graficamente o proposital tratamento mais elaborado dos cadernos e suplementos culturais, que procuram imprimir uma identidade própria, são bem adequados para as matérias sobre arquitetura, alguns muito bem ilustrados com grande qualidade de diagramação, o que para a arquitetura é relevante e contribui para a compreensão dos textos como maior riqueza de detalhes porque são bem ilustrados, e geralmente com boas fotografias também.

Capítulo 1 – A arquitetura no jornalismo

Circunstâncias, jornais, cadernos culturais e crítica

1 Circunstância brasileira

No final dos anos 50 a arquitetura moderna brasileira acabava de celebrar um “casamento perfeito” com o Estado. Depois de um longo processo iniciado inesperadamente com uma rara conjunção de fatores e de personalidades, principalmente com a intervenção do ministro Gustavo Capanema, em 1936 no governo de Getúlio Vargas. A construção do edifício do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, foi o início do convívio entre a arquitetura e o Estado, e um marco para a história da arquitetura moderna, reafirmado em 1940 com o conjunto da Pampulha. Na inauguração de Brasília o movimento moderno no Brasil estava consolidado, foi uma aliança perfeita com a política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, no momento democrático que o país viveu.

Seria aquela a época ideal para o início de um amplo debate, e uma avaliação do grande passo dado pela arquitetura brasileira. Analisando hoje o feito percebem-se as conseqüências, e a oportunidade de reflexões e análises que existiram. Cabe a indagar se houve a capacidade de repercutir os acontecimentos, com o tratamento adequado. Existem algumas indicações para uma análise inicial, verificadas a seguir, que contribuiriam com um maior entendimento do tema.

Após quase sessenta anos da construção de Brasília, a sociedade brasileira está muito modificada, não é mais uma economia rural, apesar de todo atraso econômico brasileiro sócio-econômico do País. Também não é apenas uma economia com uma indústria rudimentar, passou por um ciclo da industrialização, apesar de não se firmar nele, como é característica de outros países latino-americanos, e entrou para um novo ciclo, da economia de serviços sem ter

completado e se realizado nos dois anteriores. Não é a proposta da pesquisa, uma análise com um viés sócio-econômico, entretanto é fundamental salientar que as transformações sociais, culturais e políticas desse período implicaram em transformação na arquitetura e nos jornais, e ambos sofrem as conseqüências desta situação instável do período.

Neste intervalo o movimento moderno, passou por muita contestação. Nos meios acadêmicos americanos houve uma considerável polêmica entre teorias, caracterizado com a publicação de *Complexidade e Contradição em Arquitetura* de Robert Venturi em 1966, e posteriormente um contraponto ao livro de Venturi, em 1972, com o livro “*Five Architects*” de Peter Eisenman; Michael Graves; John Hedjuk; Richard Meier e Charles Gwathmey. Pouco depois arquitetos europeus, entre eles Aldo Rossi, já participam da polêmica, que na realidade era um debate entre visões e teorias da arquitetura, de questionamento do modernismo, do pós-modernismo e suas teorias que passam pela arquitetura; e nesta fase, pela contestação à ortodoxia do planejamento urbano e da arquitetura moderna. No Brasil esta contestação ao movimento moderno só começaria entre os arquitetos em meados dos anos 80. Cabe descobrir o que fazia a crítica brasileira de arquitetura durante este período.

Estabelecendo um contraponto entre a discussão crítica da arquitetura na imprensa brasileira e na imprensa americana, Tom Wolfe, conhecido jornalista americano, autor de *A Fogueira das Vaidades*, publicou um ensaio intitulado “*From Bauhaus to our House*” em 1981, traduzido e publicado no Brasil em 1990 como *Da Bauhaus ao nosso Caos*, em que relata toda a polêmica entre os dois grupos de arquitetos norte-americanos (reunidos em torno de Venturi e os cinco arquitetos). É um texto mordaz, irônico com todo o movimento moderno e seus principais precursores. É parcial, sem isenção, mas é um ensaio que traz muito sabor à questão. Portanto, em 1981, um jornalista americano trata de uma questão da arquitetura praticamente desconhecida no Brasil, e que só em meados dos anos 80 viria a fazer parte dos temas de alguns arquitetos brasileiros, e praticamente apenas dentro da academia.

No campo das revistas especializadas de arquitetura, após 1964 as publicações praticamente desapareceram o Brasil. Além da *Acrópole*, que circulou dos anos 30 aos 70, a revista *Módulo* criada em 1955 por Oscar Niemeyer fechou em 1965, após ser “empastelada” pelo governo militar, ficou suspensa até 1975 e depois circulou enfraquecida até 1989. Posteriormente a revista *Projeto* surgiu no

início dos anos 80, seguida pela revista *AU* no final também dos anos 80. Estes fatos mostram um pouco um dos motivos de tanto isolamento cultural de um debate atualizado e sintonizado com o resto do mundo, pois as revistas especializadas são os principais veículos e laboratório para a crítica de arquitetura, e não existindo a crítica nem em um meio especializado, a dificuldade em passar para um veículo aberto, ampliado, fica em parte justificada.

Paralelamente os cadernos culturais nos principais jornais brasileiros estavam sendo estruturados, existiam já vários suplementos semanais com matérias mais aprofundadas. Os cadernos culturais que hoje são mais caracterizados como cadernos de variedades, iniciaram com o *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, e com a *Folha Ilustrada* da *Folha de São Paulo*. Justamente estes cadernos culturais e os suplementos dos jornais de São Paulo, que foram estruturados e ganharam corpo apenas nos anos 80, na redemocratização do País, são as principais fontes de material desta pesquisa. O desenvolvimento destes cadernos está tratado de forma um pouco mais elaborada nos itens adiante.

2 Os jornais - um pouco de um assunto complexo

Este segmento procura descrever um pouco dos jornais, um universo dinâmico, com vida própria e intensa, e em termos gerais como está o tema da arquitetura dentro deste segmento do jornalismo.

Basicamente foi dividido nos seguintes temas ou assuntos: público leitor; a situação dos jornais hoje em vendagem e conseqüências do avanço da internet; em quais partes ou seções dos jornais os artigos e matérias sobre arquitetura são publicados; e um pouco sobre os cadernos culturais e suplementos semanais.

2.1 O público leitor

A leitura de jornais no Brasil é, e sempre foi muito pequena, a tiragem é baixa e está estagnada, entretanto seu alcance é maior, os textos dos jornais, justamente por poderem aprofundar os temas, repercutem em outros meios de comunicação: rádio, TV, internet, revistas, e principalmente, é importante salientar que quem acompanha os jornais está na faixa de público que comumente é caracterizada como “formadores de opinião”. Muito da pauta de rádios, TVs, e revistas é feita tomando como base os jornais, portanto apesar de ser baixa a sua tiragem, seu alcance é potencializado e repercute, isto é, se propaga para vários outros meios de comunicação.

Por outro lado, mesmo com o jornal sendo lido por um público pequeno, as suas redações, que nos grandes jornais são enormes e estruturadas, funcionam como todos os meios de comunicação de massa: têm sempre que procurar agradar a todos ao mesmo tempo, a cativar um público, e formar novos leitores.

Revistas[...], grandes jornais ilustrados [...], se dirigem efetivamente a todos e a ninguém, às diferentes idades, aos dois sexos, às diversas classes da sociedade, isto é, ao conjunto de um público nacional e, eventualmente, ao público mundial.

A procura de um público variado implica na procura de variedade na informação ou no imaginário; e procura de um grande público implica na procura de um denominador comum.⁵

A preocupação dos jornais em vender, em aumentar a tiragem, no contexto de uma economia fragilizada como a brasileira faz com que eles disputem entre si os poucos leitores existentes, e isto numa sociedade que não tem o hábito da leitura, e com um nível educacional muito baixo. Entretanto, pesquisas indicam que em termos gerais aumenta gradativamente o interesse despertado pelos assuntos culturais⁶, e a seção de cultura está entre as mais lidas depois da primeira página dos jornais. Talvez essa seja uma tendência pra uma sociedade em transformação, um pequeno aumento no nível educacional, que pode ser uma tendência dominante com o aumento da escolaridade média, em que pese a péssima qualidade de ensino atual, pode significar um interesse maior em assuntos culturais.

Os meios de comunicação têm importância maior a cada dia, acompanhando a expansão de uma sociedade cada vez mais voltada para o setor de serviços, esta expansão e transformação social é um processo complexo, e um quadro muito diferente do existente na época da consolidação da arquitetura moderna no Brasil, quando o debate na arquitetura estava inserido num contexto de movimentos, com uma situação ideologicamente estruturada e muito bem definida.

2.2 O jornal hoje

O público no Brasil para jornais e revistas não chega a 2% da população, o que evidencia seu potencial de crescimento, e mesmo com a expansão vertiginosa da internet nos últimos dez anos, os jornais continuam no mesmo patamar de vendas, a circulação aumenta levemente, ou praticamente se mantém estabilizada.

⁵ MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. 1969. p. 37

⁶ PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2004. p. 63.

A Associação Mundial de Jornais (WAN, na sigla em inglês), divulgou informe que indica um crescimento de 9,95% na circulação dos jornais em todo o mundo num período de cinco anos - 2001 a 2005 - e de 2,36% no ano de 2005. De acordo com esse informe, o número de títulos de jornais diários ultrapassou 10 mil pela primeira vez na história, com as vendas alcançando mais de 450 milhões de exemplares diários e os leitores desses jornais pagos superando 1,4 bilhão em todo o mundo. "O que estamos vendo contraria completamente a idéia tão difundida de que os jornais estão em crise e vivendo seus últimos momentos", diz Timothy Balding, diretor geral da WAN: Os jornais estão em situação muito melhor do que se acredita. Na verdade, os dados mostram que a indústria jornalística no mundo está saudável e vigorosa e vem sabendo enfrentar a competição crescente de outras mídias.⁷

Os principais jornais, naturalmente passaram a ter seus portais com praticamente a edição diária integral na internet, e como estratégia de mercado o texto completo é disponível para assinantes, com isso continuam, através da internet, a veicular o conteúdo em texto com mais informação da rede, com toda a sua estrutura, o que inclui cadernos e suplementos semanais. A abrangência do veículo jornal, com grandes redações estruturadas, fica insuperável na rede em termos de conteúdo, frequência e capacidade de cobertura dos fatos, com os textos e imagens das edições impressas servindo para a edição "on-line".

Evidentemente existe a preocupação com os números de vendagem praticamente estagnados, entretanto com a edição quase que integralmente nos portais, conclui-se que esteja aumentando a quantidade de leitores e o alcance do veículo. Como os textos dos jornais também se desdobram (repercutem) em outros veículos de informação, essa diminuição de leitores de exemplares na realidade não está mostrando os números de leitores somados aos de acessos dos conteúdos através da internet, muito menos a repercussão existente, de fato, para tudo que se escreve nos jornais. As edições, agora "on-line", são referências muito mais facilmente disponíveis para os outros meios de comunicação.

Esta é uma situação evidenciada pelo que ocorreu logo que começou a expansão da internet. Formaram-se portais para conteúdos de todos os tipos, e houve uma fase de expansão muito boa para os profissionais de comunicação em geral, bem como para demais profissionais envolvidos com a construção de páginas na internet, posteriormente muitos desses sites ou portais desapareceram, porque não tiveram viabilidade econômica, não se sustentaram na chamada "bolha das empresas ponto com".

⁷ Associação Nacional de Jornais. Trecho de informe de 2006, disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/20751>>. Acesso em 14 fev. 2007.

Nesta fase de expansão da internet, os jornais assim como todas as outras grandes empresas de comunicação simplesmente não precisaram formar equipes novas, apenas uma pequena seção – “on-line” -, muito pouco investimento para empresas que já dispunham de enormes estruturas, principalmente de redações funcionando e auto-sustentáveis, com repórteres, redatores, jornalistas experientes enfim, equipes formadas; por isso pode-se afirmar que a tendência é que essas empresas dominem também a internet. As empresas de comunicação: jornais, rádios, TVs, revistas, continuarão a produzir o melhor conteúdo. Na internet, mesmo os jornalistas que trabalham com os “blogs” mais visitados, estão vinculados à grande imprensa, apesar de terem um pouco mais de independência, alguns inclusive com boas verbas publicitárias, fizeram toda a sua carreira e nome em grandes veículos.

2.3 Onde está a arquitetura nos jornais

As matérias que tratam de arquitetura nos jornais estão distribuídas em diferentes seções e cadernos, notadamente nos cadernos de cultura; nos suplementos e revistas semanais e no caderno de cidades ou cotidiano ⁸. Estes últimos, os cadernos de cidades e cotidiano, tratam de temas locais específicos, problemas urbanos, intervenções nas cidades, com uma abordagem própria, mais técnica, ou descritiva; a arquitetura também aparece nas revistas e cadernos dominicais de construção, decoração e temas afins.

Para esta pesquisa o enfoque visado para a seleção do material foi o da análise crítica de arquitetura, porque ela trata da arquitetura como arte e cultura, eventualmente alguns artigos de outros cadernos também foram selecionados e analisados, mas a quantidade de textos nestas seções que de fato têm uma preocupação não utilitária com a arquitetura é muito menor.

⁸ Coincide com a afirmação de Marcos Augusto Gonçalves editor da *Folha Ilustrada*: “A arquitetura fica dividida, no seu caráter artístico/ cultural no caderno de cultura e como utilidade pública no caderno de cidades” (depoimento verbal)

Portanto, a maioria dos artigos foi selecionada dos cadernos de cultura, buscando com isso a análise crítica, e a reflexão. Este enfoque poderia trazer uma contribuição para o debate sobre arquitetura, no território das idéias, dos conceitos, contribuindo tanto para a arquitetura quanto para os arquitetos e a prática profissional, pela sua maior compreensão pela sociedade. Justamente pelo seu amplo alcance de meio de comunicação, a veiculação de temas de arquitetura em meios de comunicação pode despertar o interesse do público em geral. Este é um fato que ocorre, por exemplo, com o *The New York Times*⁹, que com um crítico de arquitetura escrevendo com regularidade trás o público leitor para o tema.

Hoje a *Folha Ilustrada* dispõe de um colunista semanal, Guilherme Wisnik, escrevendo sobre arquitetura, e segundo seu editor Marcos Augusto Gonçalves o caderno agora procura uma maior atenção com o tema. No período pesquisado, de 2000 a 2002, não foi encontrado um autor focado em arquitetura.

2.4 Os cadernos culturais

Os cadernos culturais dos jornais brasileiros começaram a ser publicados no final dos anos 50. Em São Paulo o início foi com o *Suplemento Literário* do *O Estado de São Paulo*, em 1956, dirigido por Décio de Almeida Prado, com nomes como Antônio Cândido e Paulo Emílio Sales Gomes. No Rio de Janeiro o extinto *Correio da Manhã* teve um caderno dominical nos anos 50, o *Quarto Caderno*, onde escreveram Carlos Heitor Cony e Paulo Francis.

O precursor do formato que existe hoje é o *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, que começou uma reformulação de todo o jornal em 1956, o *Caderno B* veio logo em seguida com diagramação de Almícar de Castro. Em São Paulo, após suplementos como *Folhetim* e *Letras*, da *Folha de São Paulo* nos anos 80 os dois principais jornais consolidaram seus cadernos culturais, primeiro a *Ilustrada* que havia sido criada em já 1958, mas teve seu formato atual configurado cerca de

⁹ Esta questão está tratada no capítulo A situação em outros jornais.

vinte anos depois de criada, e posteriormente o *Caderno 2*. Estes cadernos dos jornais de São Paulo tiveram seu ápice em meados dos anos 80 e início dos anos 90, e a partir de então estão perdendo força e espaço, com matérias menores, e maior quantidade de publicidade, descaracterizando a sua diagramação principalmente nas primeiras páginas. As matérias maiores, mais críticas e aprofundadas passam a ter espaço em cadernos e suplementos semanais, como o *Mais*. A diminuição dos cadernos culturais diários vem em decorrência de pesquisas com os leitores, apesar de serem as seções dos jornais com maior empatia por parte do leitor e serem causa de identificação do leitor com o jornal, existe uma maior demanda por textos rápidos.

Segundo Daniel Piza os cadernos culturais de São Paulo “mantiveram a variedade e ‘quentura’ até meados dos anos 90, quando o peso da opinião diminuiu sensivelmente”¹⁰ e tomou conta o que seria uma “agenda passiva”, que ao que tudo indica é uma tendência à veiculação de atualidades, de serviços e orientação ao leitor sobre a agenda cultural, principalmente voltada aos espetáculos:

É por isso que há uma insatisfação mais ou menos geral, e muito forte em certos meios, com o momento atual desse jornalismo, especialmente os cadernos da grande imprensa.

Há três males comumente apontados. O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estréia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem etc. – e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente desses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos press-releases, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses “anúncios”, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, dos grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral.

¹¹

Trabalham na seção da *Folha Ilustrada* cerca de 20 profissionais, segundo seu editor Marcos Augusto Gonçalves, entre redatores, repórteres e editores. É uma atividade desgastante há prazos específicos para entrega do material a ser publicado, muita pressa para preparar as edições diárias. Os cadernos

¹⁰ PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo, 2004, p. 41. (grifo nosso)

¹¹ PIZA, Daniel. op. cit. p. 62

semanais já podem ter um período maior de preparo e frequentemente edições especiais estão prontas com até um mês de antecedência.

Há problemas gerais nos cadernos de cultura, não é específico de uma área de interesse ou de um jornal específico, há uma diminuição do espaço destinado à análise ou crítica e um aumento de notícias ligeiras, em grande parte ligada a espetáculos, a entretenimento. A análise aprofundada ou o desenvolvimento de idéias e críticas foram transferidos para novos cadernos semanais (geralmente dominicais), o caderno *Mais* da *Folha de São Paulo*, e o *Caderno 2* especial de domingo do *Estado de São Paulo*, com maior tempo para elaboração, estes suplementos tem artigos traduzidos, longas entrevistas, professores e especialistas convidados no caso do *Mais*. O *Caderno 2* de domingo tem um perfil de textos mais curtos, como nas edições diárias, mas concentra os principais colunistas do jornal aos domingos.

Os cadernos culturais, por vezes também podem estar vinculados a empresas com materiais promocionais e de eventos. Assessorias de imprensa, editoras, gravadoras, estúdios de cinema. O vínculo pode ocorrer não apenas por acordos, mas também por uma necessidade do jornal de veicular material considerado de atualidade. Não é uma afirmação que haja apenas uma relação de compra de espaço na mídia, com matérias pagas, é uma constatação de que certamente há uma procura das editorias para grandes novidades, lançamentos. Uma das maneiras de saber se uma matéria é isenta ou não, é ter atenção para o tipo de crítica feita, se totalmente favorável, apenas exaltando e ressaltando a qualidade de determinado trabalho ou do que está sendo noticiado, é possível ser também material promocional, embora eventualmente trazendo muita informação de qualidade, mesmo que esteja apenas sendo publicado sem nenhum vínculo de matéria paga ou uma relação do tipo. Daí a importância de uma crítica bem feita, não destrutiva, mas com coragem e autonomia, não procurando ser apenas amistosa com fatos ou pessoas que estejam sendo noticiadas, ou só exaltando favoravelmente, apontando apenas aspectos positivos do objeto da notícia, coisa muito comum em cinema, música e lançamento de livros, por exemplo.

“Os textos do segundo caderno são constituídos essencialmente de pequenas notas ou textos opinativos. Uma parcela ponderável do material publicado obedece a indicações dos próprios promotores da maioria dos eventos divulgados, como os proprietários de cinemas, donos de bares e restaurantes, empresas de televisão etc”.¹²

Atualmente os cadernos culturais têm novos interesses que surgiram apenas recentemente, notadamente temas como design, moda, e gastronomia, que cada vez mais despertam a atenção dos leitores. Tornaram-se cadernos de variedades, focados em atualidades, justamente por esta necessidade que o grande jornal tem em atingir o maior número de leitores, agradar a todos ao mesmo tempo.

Os dois cadernos de São Paulo, segundo Daniel Piza¹³, teriam diferenças caracterizadas por enfoques: a *Ilustrada* estaria mais voltada para questões como música popular e cinema, e o *Caderno 2* para artes em geral, teatro, e literatura. Estas características apontadas como sendo dos anos 90 se refletem ainda no período pesquisado com uma ligeira predominância do *Caderno 2* no tema arquitetura, com uma quantidade um pouco maior de textos.

Em termos gerais pode-se dizer que os cadernos de cultura no Brasil, apesar de serem uma espécie de vitrine e identificação dos jornais, e de grande aceitação pelo público leitor como dizem as pesquisas¹⁴, mesmo assim estão com várias carências: falta de especialização, redação muito jovem, há uma norma de ruptura (apenas o novo interessa), e uma retórica do espetáculo, com textos reduzidos. “Há cada vez menos espaço para reflexão e leitura”.¹⁵

Considerando as características dos cadernos de cultura no final dos anos 80, a qualidade de seus colunistas, e de como este jornalismo influenciou uma geração; considerando também o surgimento de sites culturais na internet, e uma maior atenção de editoras para não-ficção¹⁶; o surgimento e permanência de revistas como *Bravo*, e recentemente a *Piauí*, pode-se dizer que de fato realmente há “demanda por jornalismo cultural de qualidade, vivo e crítico”.¹⁷ Outros fatores que certamente farão com que se aumente a demanda por este tipo de jornalismo é um aumento da escolaridade média, e também na renda da população.

¹² LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**, Brasília, UNB, 1996, p. 170, citado por SILVA, Wilsa C Freire. **Cultura em pauta: um estudo sobre jornalismo cultural**. Dissertação de Mestrado defendido na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em 1999, p. 24.

¹³ - ¹⁴ PIZA, Daniel. op. cit. p. 41 - 95

¹⁵ SILVA, Wilsa C. Freire da, op. cit. p. 151

¹⁶ - ¹⁷ PIZA, Daniel. op. cit. p. 67

Com uma possível e provável expansão futura do jornalismo cultural, certamente haverá a necessária especialização crítica em vários temas, não só em arquitetura, mas também em outras artes, excetuando talvez cinema e música que já são mais estruturados, talvez também haja demanda para nos novos temas que surgem agora na pauta dos jornais.

2.5 A exigência do diploma

Antes de refletir sobre a questão da falta de jornalistas e críticos especializados em temas específicos no Brasil é importante verificar um fato pouco conhecido pelo público em geral, em sua real dimensão, e que desperta posicionamentos acalorados. Referir-se ao tema, mesmo que em linhas gerais, torna-se imprescindível, porque faz parte de todo este contexto. Trata-se da questão da lei que impede que não-formados em cursos de jornalismo, trabalhem nas redações. Fica impossível sem um estudo mais aprofundado sobre o tema determinar até que ponto esta legislação influencia ou interferiu até hoje, na qualidade do jornalismo praticado no Brasil, desde que foi decretada em 1969.

O fato é que alguma interferência certamente houve, ou afugentou profissionais experientes das redações, ou impediu que novos talentos surgissem. Sobre este tema é esclarecedor constatar duas posições e ambas notadamente contrárias à obrigatoriedade do diploma. Na primeira o jornalista, não diplomado, Cláudio Abramo posiciona-se claramente sobre a questão:

"Para ser jornalista é preciso ter uma formação cultural sólida, científica ou humanística. Mas as escolas são precárias. Como dar um curso sobre algo que nem eu consigo definir direito? Trabalhei quarenta anos em jornal e acho muito difícil definir o que meia dúzia de atrevidos em Brasília definem como curso de jornalismo. Foi o que fez o patife do Gama e Silva (ministro da Justiça do governo Costa e Silva), que elaborou a lei para tirar os comunistas dos jornais".¹⁸

¹⁸ ABRAMO, Cláudio. *A Regra do Jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 247, citado na Ação Civil Pública do procurador da República André de Carvalho Ramos, disponível em: <http://www.anpr.org.br/boletim/boletim45/andre.htm>, em 16.01.2007.

Este trecho foi extraído da Ação Civil Pública, de autoria do procurador da República André de Carvalho Ramos, sentenciada favoravelmente pela juíza federal Carla Abrantkoski Rister, da 16ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, Ação Civil que ainda tem outro segmento que colabora um pouco mais na compreensão da questão, porque revela como é esta atuação profissional em outros países, coisa pouco lembrada aqui no Brasil, onde ainda há uma defesa feroz desta regulação profissional por parte do sindicato dos jornalistas.

Já o decreto 972/69, infelizmente, permanece como resquício de uma época sombria em que mergulhou a América Latina por longas décadas. É isto exatamente o que afirma John Ullmann, diretor executivo da World Press Institute, entidade norte-americana que pesquisa e promove o desenvolvimento do jornalismo em âmbito internacional, que sustenta que “Requerer requisitos legais para trabalhar em jornalismo é uma prática comum na América do Sul e Central, mas não em qualquer outro lugar. É, claro, exatamente oposto o que nós fazemos nos Estados Unidos, onde a liberdade de expressão e de imprensa é um direito fundamental do povo, não dos meios de comunicação ou do Governo”.¹⁹

Portanto observa-se que esta lei é uma anomalia, abominada até pelos jornalistas mais conscientes, e mais um problema não enfrentado no País, uma situação de arbitrariedade. Evidentemente que dentro de uma redação, quem cursou comunicações ou jornalismo tem muito mais condições de exercer a atividade, naturalmente, de serem os chefes de editorias, por exemplo, mas o impedimento de que especialistas escrevam sobre áreas específicas prejudica apenas a qualidade da informação, e conseqüentemente o interesse que despertado no leitor. A competição entre as empresas de comunicação por competências específicas dos seus profissionais pode ajudar a resolver esta situação, como inclusive já foi uma posição característica da Folha de São Paulo, que procurou eliminar este impedimento internamente e sofreu ações por parte do sindicato dos jornalistas.

¹⁹ RAMOS, André de Carvalho. Ação Civil Pública da Procuradoria da República, disponível em: <<http://www.anpr.org.br/boletim/boletim45/andre.htm>>, em 16.01.2007.

Capítulo 2 – A crítica de arquitetura

3 A crítica especializada

Uma das questões fundamentais da crítica cultural nos jornais brasileiros, e provavelmente não apenas no que tange à arquitetura, mas a outros temas que também não tem tanto destaque, é a falta da crítica especializada, é uma característica das redações no Brasil, são raros os especialistas. Mesmo um jornalista novo, como Daniel Piza, que está em sintonia com o que se produz nos grandes centros, em seu recente livro *Jornalismo Cultural* (citado anteriormente), em nenhum momento identifica a real importância que a especialização da crítica poderia ter, no sentido de aprofundamento dos autores em temas específicos, principalmente os menos veiculados. É correta sua posição que quem escreve em jornalismo cultural deva ter uma formação abrangente, e conhecer um pouco de todas as áreas; é até compreensível um autor escrevendo com desenvoltura sobre vários assuntos porque muitos redatores conseguem escrever bem sobre vários assuntos e tem formação para tal, mas é quase impossível imaginar, por exemplo, que um bom crítico teatral possa estar tão bem informado com o que se passa em outro campo muito diverso como as artes plásticas, isto é, dominando com a mesma desenvoltura os dois temas.

Geralmente são escalados para escrever sobre arquitetura os mesmos autores que escrevem sobre artes plásticas. Como exemplo, pode ser observado (Tabela 1) que no caso do autor que escreveu o maior número de artigos sobre arquitetura no período, quinze matérias, têm a maioria das referências encontradas de seu trabalho como sendo um conhecido crítico musical.

Para avaliar um pouco a área de atuação dos autores foram separados sete deles no período pesquisado que mais escreveram sobre arquitetura, foi feita uma busca por trabalhos publicados pelos autores, verificou-se também que nenhum deles escreveu outro trabalho específico sobre arquitetura, um livro ou estudo especial, nada foi encontrado, comprovando a falta de especialização na área.

Analisando os dados (Tabela 1) verifica-se também que os dois cadernos culturais, *Caderno 2* e *Ilustrada* apresentam vários autores, alguns escreveram apenas uma ou duas vezes sobre arquitetura, e há uma quantidade muito grande de autores, talvez este fato se repita em outros temas menos frequentes dos cadernos culturais.

Tabela 1 – Autores que mais escreveram sobre arquitetura, de 2000 a 2002.

Nesta tabela vêem-se a quantidade por ano e total de artigos escritos nos jornais pelos autores que mais escreveram, somados por ano e a quantidade total no período pesquisado. O nome dos autores foi preservado.

Jornalistas que mais escreveram sobre arquitetura nos anos pesquisados						
Artigos publicados sobre arquitetura						Referências encontradas sobre os jornalistas
	Jornal	Artigos por ano				
		2000	2001	2002	Tot.	
Jornalista 1	ESP	6	6	3	15	Comunicação pela Universidade de Londrina, (referências como crítico musical)
Jornalista 2	FSP	1	6	4	11	Especialização em dança
Jornalista 3	ESP	2	1	3	6	Repórter e crítica de artes visuais (Observatório da Imprensa 7/12/2004)
Jornalista 4	FSP	4	0	0	4	"Além de matérias sobre Artes Plásticas são constantes as reportagens referentes à arquitetura e design, música e cinema". (ART&Com - Jornalismo Univ. Metodista)
Jornalista 5	FSP	1	1	3	5	Jornalista de cultura da revista Trip
Jornalista 6	ESP/ FSP	1	1	1	3	297 textos com artes plásticas, 29 com arquitetura
Jornalista 7	ESP	1	1	1	3	Textos sobre TV e ABL

3.1 A crítica de arquitetura e os temas contemporâneos

Como definir o território da crítica de arquitetura, e como exercê-la de maneira apropriada ao atual panorama de diversidade formal? Esse tema é um terreno exploratório, sem a tranquilidade das verdades estabelecidas, mas também sem as suas amarras, voltado para a compreensão do presente e as possibilidades do futuro; preocupado com a teoria, mas dependente da prática cotidiana da arquitetura – pois, no limite, não há crítica de arquitetura sem arquitetura, e a crítica nasce e somente pode ser exercida a partir da produção arquitetônica.²⁰

Talvez a principal causa da falta de análise crítica de arquitetura, e seu pequeno desenvolvimento tenha sido a estagnação econômica dos anos 80, que fez com que pouca arquitetura fosse produzida, diminuindo o interesse pelo tema. Na época da consolidação do modernismo, com a construção do célebre edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, ainda nos anos 30, de Pampulha em Minas Gerais nos anos 40, e posteriormente Brasília, nesta fase o jornalismo cultural estava incipiente. Nos anos 70 com o milagre econômico e muita construção sendo executada no País, a repressão política vigente não propiciou condições para o desenvolvimento de jornalismo e crítica de forma alguma.

Hoje ainda, como reflexo de todo este panorama, quando pouco se tem escrito de crítica de arquitetura para o público leigo, poderia ser traçado um contraponto entre o que existe de crítica, sobre a música ou cinema, mais presente em decorrência da indústria de entretenimento, e o que existe de crítica de assuntos menos habituais, entre eles, por exemplo, a dança, a escultura ou a arquitetura. Podem ser lembrados vários críticos especializados escrevendo sobre estes temas apontados como mais habituais, no entanto é difícil apontar quem escreva sobre arquitetura, com assiduidade e frequência.

A arquitetura é notícia? Para quem?

Que interesse pode despertar a arquitetura e os arquitetos para os jornais? Medindo a quantidade de artigos publicados na seção *Opinião* da *Folha de*

²⁰ ZEIN, Ruth Verde. **O lugar da crítica**, ensaios oportunos de arquitetura. São Paulo, 2001, p. 111.

São Paulo fica evidenciado que o interesse do jornal em publicar opiniões sobre arquitetura foi muito pequeno. Considerando o período pesquisado, três anos, (1095 edições), a seção publicou cinco artigos sobre arquitetura, é muito pouco, e ainda dos cinco, quatro foram escritos pelo Oscar Niemeyer (o outro pelo Décio Pignatari).

O cabeçalho da seção chamada de *Tendências/ Debates* (editoria *Opinião*) traz os seguintes dizeres:

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação **obedece ao propósito de estimular o debate** dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

No que toca a arquitetura, a seção *Opinião*, está centrada em Oscar Niemeyer, um nome importante para a arquitetura brasileira, mas de maneira nenhuma reflete diversas tendências da arquitetura, como é o propósito anunciado.

Em sua tese de doutorado, João Carlos R. Stroeter afirma: “A crítica arquitetônica não chega ao grande público” ²¹ e para compreender o que isto significa, mais adiante Stroeter descreve um rol dos papéis que a crítica pode desempenhar para a arquitetura, entre eles:

Avaliar a eficácia com que o edifício realiza os objetivos propostos, objetivos funcionais, estéticos e históricos também. Entender como o arquiteto interpreta a cultura de seu tempo e a própria arquitetura. Através da análise feita pela crítica, estimular no arquiteto o hábito de pensar sobre a sua produção. Polemizar, obrigando a discussão e assim contribuindo ao desenvolvimento da arquitetura. ²²

Há muito tempo o problema da crítica de arquitetura no Brasil é discutido, e a questão da regulamentação da profissão ²³, não é o único motivo de um possível atraso no tema. É possível constatar no extenso depoimento feito pelo Ferreira Gullar ainda em 1965, narrando um congresso havido em 1961, portanto na época da inauguração de Brasília e oito anos antes do decreto-lei (1969 - acima descrito) que regula a atividade no jornalismo, e parte dos motivos permanece o mesmo:

²¹ - ²² STROETER, João Carlos Rodolpho. **Arquitetura: imagens, reflexos**. Tese de Doutorado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 1989, p. 71 - 81

²³ Sobre regulação profissional no jornalismo veja item 2.4 Os cadernos culturais.

No II Congresso Brasileiro de Críticos de Arte (dezembro, 1961, S. Paulo) foi levantado o problema da crítica de arte na arquitetura. Qualquer que fosse o ponto de vista dos debatedores que intervieram na discussão, uma coisa se deu como certa: a inexistência da crítica de arquitetura no Brasil. Qual a razão disso?

[...]De fato, um dos principais empecilhos à crítica de arquitetura é a falta de conhecimento técnico específico, por parte do crítico, que se sente inseguro em emitir juízos em terreno tão complexo. Evidentemente, pode-se criticar a arquitetura do ponto de vista de suas soluções formais e funcionais, sem entrar em considerações técnicas de especialista. Mas o crítico deve estar aparelhado daqueles conhecimentos, mesmo quando não faça uso deles explicitamente.²⁴

Ferreira Gullar na época acreditava em uma arte engajada, coisa que hoje ele renega²⁵, seu pensamento na época era que a crítica de arquitetura estaria havia muito tempo questionando como fazer crítica de tema tão complexo como a arquitetura, arte que teria um caráter utilitário. De fato há uma implicação social e econômica evidente, e seria muito diverso neste aspecto das artes plásticas, vinculadas mais ao mercado de artes, ou da música, ou cinema, que estão envolvidas com a indústria de entretenimento. A arquitetura, atrelada às questões da habitação, das cidades, do urbanismo, e também da especulação imobiliária, tem uma concretude, perenidade e presença que foge a escolhas momentâneas de consumo, por outro lado está mais sujeita as atribulações econômicas. Talvez sejam esses os principais motivos pelo qual a crítica de arquitetura tenha características bem diferenciadas e realmente o crítico deva ter um preparo e uma formação específica. Em uma coleção de depoimentos organizada por Alberto Xavier há um texto da década de 50 que faz parte da seção *Arquitetura e crítica*. Em seu texto *Da necessidade de crítica sobre arquitetura*, Eduardo Corona afirma que: “a arquitetura [...] tem sido objeto do mais completo descaso da crítica de arte, diferentemente de artes plásticas, cinema, etc. e que ‘homem comum’ ou ‘o povo’ deve ser esclarecido”.²⁶

Por outro lado, a questão da lacuna da crítica sobre arquitetura na imprensa nos anos cinquenta não era apenas brasileira, a polêmica descrita acima foi tratada no *Saber ver a Arquitetura* de Bruno Zevi²⁷, já em 1948, onde também

²⁴ GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. 1965, p. 36

²⁵ Veja no item 5: MACHADO, Cassiano Elek. Arte na medida de Gullar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, Ilustrada, p E1, E3 e E4, 7 dez. 2002.

²⁶ XAVIER, Alberto, org. **Arquitetura moderna brasileira**: depoimento de uma geração. 1987, p. 281.

²⁷ ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo, Martins Fontes, 1996, p. 1.

afirma que a crítica na grande imprensa é escassa; e que este assunto seria recorrente em vários autores, e é um equívoco tratar da história da arquitetura e das artes da mesma forma. Foi escrito referindo-se a arquitetura e imprensa na Itália, Inglaterra e EUA. Nestes países, passados cinquenta anos, esta situação está modificada, na Inglaterra e Estados Unidos certamente há uma maior participação da arquitetura na imprensa, como será visto adiante. Álvaro Siza também tratou do assunto quando esteve no Brasil para a 2ª *Bienal de Arquitetura*, comentando que no Brasil falta divulgação, mas “na Europa, pelo menos a divulgação é melhor”.²⁸

3.2 A situação em outros jornais

Como jornais de outros centros, outros países, tratam da arquitetura? Para entender melhor foi feito um contraponto entre dois jornais, que justamente por terem uma característica muito central, torna-se um contraponto significativo. Neste caso evidentemente deve ser considerado o enorme desnível sócio-cultural entre os dois países e as duas cidades (de Londres e Nova York para São Paulo), são jornais de referência mundial, *Guardian* e *New York Times*.

O jornal *The New York Times* tem sempre um autor especializado em arquitetura, o *Guardian/ Observer* (*Observer* - edição dominical) de Londres tem uma seção quinzenal que trata de questões relacionadas à arquitetura e urbanismo, bem como suas implicações com comunidades locais, com profundidade e abordagem apropriadas ao público em geral. Foram identificados dois autores no período escrevendo sobre arquitetura no *Guardian*. Apenas com estes dois exemplos (de jornais que são referências em todo o mundo) observa-se o espaço que a crítica de arquitetura poderia estar ocupando nos jornais brasileiros, transmitindo informação sobre arquitetura aos leitores, com frequência, regularidade, artigos bem escritos e com conhecimento do tema e boa crítica, atraindo leitores para o assunto, formando um público fidelizado, e com potencial para desenvolver conhecimento sobre o tema, repercutindo as informações inclusive para outros meios de comunicação.

²⁸ Reportagem Local. Brasil enfrenta “perda de entusiasmo”. **Folha de São Paulo**., Ilustrada, São Paulo, 3 ago. 1993, p. 4 – 4.

Verificando a qualificação de alguns jornalistas destes jornais nota-se que são considerados críticos especializados em arquitetura, com grande quantidade de artigos publicados nos jornais exclusivamente sobre arquitetura.

Jonathan Glancey crítico de arquitetura do jornal *Guardian* é autor dos títulos sobre arquitetura: *20th-Century Architecture*; *Architecture (Eyewitness Companion Guides)*; *City Futures: London in Transformation*; *Modern: A Portfolio of Contemporary Interior Designs*; *Modern World Architecture*; *New British Architecture*; *New Moderns*.

O crítico de arquitetura Deyan Sudjic do *Guardian* é autor dos seguintes títulos, também sobre arquitetura: *Architecture and Democracy*; *The Architecture of Richard Rogers*; *The Architecture Pack* ["Audio book"]; *British Pavilion Expo' 92 - Seville*; *House Style Book*; *Metropolis: New British Architecture and the City*; *On Foster...Foster On*; *Norman Foster, Richard Rogers, James Stirling: New Directions in British Architecture*.

O jornalista e crítico do *The New York Times* Herbert Mushamp, também tem vários títulos publicados: *Visions of Utopia*; *Man About Town*; *Total Living: Art, Fashion, Design, Architecture, Communication*; *File Under Architecture*; *Hope Abandoned: Eastern State Penitentiary*; *Ettore Sottsass: The Architecture and Design of Sottsass Associates*; *Sturtevant: Drawings 1988-1965 Bess Cutler Gallery*.

Tabela 2 – Jornal *Guardian* de Londres, de 2000 a 2002

Números de artigos sobre arquitetura no jornal <i>Guardian</i> nos anos 2000, 2001, 2002.				
Autores	2000	2001	2002	Títulos ou livros de arquitetura publicados pelos autores
Jonathan Glancey	119	131	100	<i>20th-Century Architecture</i> ; <i>Architecture (Eyewitness Companion Guides)</i> ; <i>City Futures: London in Transformation</i> ; <i>Modern: A Portfolio of Contemporary Interior Designs</i> ; <i>Modern World Architecture</i> ; <i>New British Architecture</i> ; <i>New Moderns</i> .
Deyan Sudjic	49	47	44	<i>Architecture and Democracy</i> ; <i>The Architecture of Richard Rogers</i> ; <i>The Architecture Pack</i> [Audiobook]; <i>British Pavilion Expo' 92 - Seville</i> ; <i>House Style Book</i> ; <i>Metropolis: New British Architecture and the City</i> ; <i>On Foster...Foster On</i> ; <i>Norman Foster, Richard Rogers, James Stirling: New Directions in British Architecture</i> .
Subtotal (ano)	168	178	144	
Total	490			

Nesta tabela (3), sobre o jornal *Guardian* e autores/ críticos de arquitetura, Jonathan Glancey e Deyan Sudjic, de 2000 a 2002, note a quantidade de artigos publicados nos três anos sobre arquitetura no jornal, e veja os títulos e livros publicados pelos dois autores, todos focados em arquitetura.

Respeitando os bons jornais e brilhantes jornalistas brasileiros, que certamente trabalham em condições muito mais difíceis do que estes, a situação no Brasil é muito diferente, e bem pior, para um melhor entendimento da situação nos jornais de São Paulo, é preciso verificar os dados contidos na Tabela 1 do item 3, página. 25 e confrontá-los com os dados da Tabela 2 acima e verificar as diferenças em qualificação e assiduidade com que escrevem os jornalistas nos dois casos.

Adiante, na Tabela 3, estão somados todos os artigos separados nos três anos de 2000 a 2002 nos jornais *O Estado de São Paulo (ESP)*, *Folha de São Paulo (FSP)* e *Jornal da Tarde (JT)*, note na Tabela 2 que no *Guardian* foram publicados 490 artigos sobre arquitetura pelos dois jornalistas, no mesmo período os três jornais de São Paulo publicaram apenas 140 artigos.

Tabela 3 – Artigos sobre arquitetura, de 2000 a 2002 nos jornais de São Paulo

Números dos artigos sobre arquitetura nos jornais ESP, FSP, JT de 2000 a 2002				
Jornais	Siglas	2000	2001	2002
O Estado de São Paulo	ESP	25	21	23
Folha de São Paulo	FSP	21	19	22
Jornal da Tarde	JT	1	2	6
Subtotais		47	42	51
Total	140			

Para um completo entendimento e contraponto de situações bem distintas, Brasil de Inglaterra e Estados Unidos o correto é fazer uma avaliação da real situação dos jornais e dos profissionais nestes três países, o que entra em questões referentes ao jornalismo e que, portanto, não faz parte de uma pesquisa em arquitetura. Entretanto não é difícil imaginar que os profissionais em Londres e Nova York recebem mais, e os jornais certamente dispõem de um orçamento grande, o que propicia mais condições de trabalho e de contratação de jornalistas especializados.

Capítulo 3 – O jornalismo na arquitetura

Material selecionado

Na sequência do trabalho foi feita análise de uma série de artigos selecionados do conjunto pesquisado. Esta análise, de interesse específico para questões de arquitetura e compreensão da abordagem feita para assuntos de arquitetura pelos jornais, tem o intuito de compreender melhor que tipo de material foi encontrado. Há uma pequena introdução com comentários sobre a situação contemporânea e a arquitetura, o modernismo e o pós-modernismo, que serve de subsídio para a leitura dos artigos logo na seção seguinte, os artigos selecionados. Repete-se o procedimento de leitura e considerações para cada um dos textos separados, estes artigos, matérias, reportagens e até notas estão impressos no volume 2, além de estarem anexados no DVD, junto com todo o conjunto coletado.

4 Modernismo - pós-modernismo e a arquitetura

Seria impossível desenvolver uma pesquisa que trata da imagem da arquitetura num meio de comunicação como o jornal sem ter presente a questão do modernismo e pós-modernismo, é o tema contemporâneo que mais interferiu no horizonte da arquitetura recentemente.

Fredric Jameson aponta que haveria uma dicotomia entre o discurso de Habermas e de Lyotard¹, para Lyotard não há mais as certezas das metanarrativas, do discurso único, do único caminho, o que reflete na estrutura do pensamento racional do modernismo na arquitetura. Habermas, por outro lado, considera o fenômeno pós-moderno conservador, inclusive e inicialmente na estética da arquitetura, e explica o fenômeno adotando uma tese fundamental de seu pensamento: “as sociedades humanas contemporâneas experimentaram uma mudança de paradigma da sociedade do trabalho para a sociedade da comunicação”.² O jornal, que tem característica fragmentária e desconexa, com multiplicidade de discursos sobre todos os temas, é um dos veículos convenientes, e pano de fundo para tratar do pós-modernismo, e este intenso debate está refletido nos jornais, que é um dos suportes primeiros desta “sociedade da comunicação”.

O modernismo e o pós-modernismo hoje estão refletidos também nas cidades, e isto é, sobretudo, o ponto que interessa. Está refletido na arquitetura que se constrói, na profusão de estilos e de modismos, no neoclássico e hoje na aversão que ele começa a produzir, pois se tornou um produto de consumo, um gosto passageiro. A imagem da arquitetura é parte importante neste contexto, todos os empreendimentos, projetos de edifícios residenciais e comerciais, de shoppings etc. levam em consideração muito mais o marketing, a pesquisa de mercado, a opinião de quem vai comprar propriamente, e compra baseado em primeiras impressões de quem conhece pouco do tema, e não sabe, por exemplo, que o custo de manutenção de fachadas rebuscadas neste “estilo neoclássico” é maior.

¹ JAMESON, Fredric. (1994). **Espaço e imagem**. 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2004, p. 15.

² Habermas citado por OLIVEIRA, João Emanuel Evangelista. **Política e Cultura Pós-Moderna**: um estudo dos cadernos culturais do Jornal *Folha de São Paulo*, Tese de Doutorado, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. 2000, p. 74.

Infelizmente a arquitetura vem perdendo terreno para os diretores de marketing e agências de publicidade nestes empreendimentos, todos querem reduzir os riscos, focar na venda imediata e agradar o gosto comum. Em qualquer pesquisa de mercado habitacional vão emitir uma opinião baseada nas informações de que dispõe, é neste contexto que para a arquitetura é muito importante seu imaginário para a população. Estas pesquisas tratam de uma situação de momento, da atualidade, de gostos passageiros, e ela pode ser trabalhada e modificada.

A pretensa superação do modernismo na arquitetura que estaria ocorrendo tem mais implicações com questões de mercado, imposições de eficiência comercial e construtiva dos empreendimentos do que propriamente com um esgotamento estilístico. Evidentemente a crítica ao racionalismo e frieza, e a reação à aridez em que se transformou bairros e parte de nossas cidades, quando tem como parâmetro esta superação ainda consegue subsidiar uma arquitetura com qualidade, e carregando também a bagagem do modernismo. Mas esta estratégia de vendas do mercado imobiliário apropriou-se da “contestação estilística” pós-moderna e a deformou, induzindo o consumidor a acreditar que compra segurança e tradição ao ver uma imagem de uma perspectiva cheia de referências clássicas.

O modernismo em certo sentido buscou uma hegemonia, uma unificação e até certo ponto uma padronização, sustentado por teorias unificadoras. Mas evidentemente as grandes cidades, com sua cultura de centros e de periferias, e extrema fragmentação cultural, nunca serão controladas unificadamente, o que fica muito evidente considerando a convivência de culturas de vários povos, de diferentes regiões que migradas às cidades configuram um panorama cada vez maior de diversidades e fragmentação. Talvez seja muito mais nesse sentido que o modernismo é hoje colocado em xeque, e não por uma saturação de estilo.

Para Habermas a arquitetura moderna é genuína, superando a alienação, afirma ser o primeiro estilo, após o classicismo, “capaz de se impor deveras e até impregnar o cotidiano” ³, e conservadorismo o pós-modernismo na arquitetura, criador de “arquitetura de efeitos cênicos” um pano de fundo afinado com o neoconservadorismo político dominante, que redefine “como sendo questão de estilo, problemas localizados em outro plano, com o que os subtrai à consciência pública”. ⁴

³⁻⁴ Ibidem, p. 76.

5 Artigos selecionados

No procedimento da pesquisa foram selecionados materiais com conteúdo que possam contribuir para o entendimento da arquitetura, notas, pequenos artigos, notícias, reportagens especiais, resenhas são cento e quarenta artigos ao todo, dez pequenas notas foram eliminados.

Deste conjunto de artigos, vinte e nove foram selecionados para comentários e análise, com a intenção de estabelecer relações entre eles com os objetivos da pesquisa: verificar a qualidade das matérias, compreender quais são os interesses, a abordagem, em termos gerais, compreender mais o que se publica. Estão apresentados em ordem de assuntos. Vários outros artigos da seleção mereceriam comentários e análises, há uma boa quantidade de informação sobre arquitetura contemporânea; muitos, de fato, trazem muita informação e percebe-se que tem embasamento e solidez. Outros artigos, entretanto, carecem de maior conhecimento ou mesmo pesquisa básica para checar informações.

Os artigos foram separados pelos itens:

Uma exposição	p. 43
Bienal de Arquitetura de Veneza (2000)	p. 45
Bienal de Arquitetura de Veneza (2002)	p. 48
Livros de arquitetura	p. 49
Questão de estilo	p. 51
Projeto e canteiro	p. 53
Arquiteto testemunha	p. 55
A arquitetura do museu	p. 56
Pós-modernismo	p. 61
Crítica de arquitetura	p. 63
Arquitetura X Imprensa	p. 65
Temas afins	p. 69

Os artigos analisados tem o seguinte formato de identificação:

Título.

Data, jornal, seção.

Autor

subtítulo. (em alguns casos)

Esta parte do trabalho é uma análise, e uma livre interpretação deste material encontrado e selecionado. Iniciando e finalizando este conjunto, dois artigos foram destacados, e estão fora desta lista de assuntos. Contrapondo centro e periferia o primeiro trata da temática das favelas e o último artigo da escolha do projeto de construção da nova sede do “*The New York Times*”. Tratam de contextos diametralmente opostos, mas ambos contêm a arquitetura como eixo temático. O primeiro artigo, *Estudo flagra arquitetura das quebradas [...]*, está destacado por abordar um tema socialmente relevante e renegado, e que justamente a abordagem proposta sugere novas soluções ao problema da moradia em favelas. O último artigo, *Piano projeta catedral do ‘The New York Times’*, traduzido do mesmo jornal, foi destacado pela qualidade da construção do texto e por ter sido escrito por autor especializado em arquitetura.

Os artigos:

Estudo flagra arquitetura das “quebradas” de Hélio Oiticica.

São Paulo, 20 dez. 2001, Folha de São Paulo, Ilustrada.

Rodrigo Moura

Muitos autores, como Nestor Garcia Canclini, sustentam que a inovação vem hoje de culturas periféricas, que as culturas centrais estão esgotadas e incapazes de criar. No Brasil, que possui culturas regionais diferenciadas em sua variedade territorial, que passou nas últimas décadas por um processo de urbanização muito forte, e cada vez mais tem uma cultura urbana de periferia excluída, nunca terá uma teoria unificadora, sempre será fragmentada, será multicultural, e ainda somado que a modernização brasileira é considerada conservadora, feita pelas elites, e pelo Estado, o maior contratador de arquitetura. É com este questionamento, da exclusão, das culturas periféricas, que o modernismo deveria ser questionado, desta forma haverá uma confrontação que se sustenta. O questionamento do estilo, e a tentativa de apontar o “neoclássico” como confrontação começou como uma sátira, espalhou-se como modismo e se mostra insustentável.

O centro dessa obra, como diz o seu título, era insistir que os arquitetos tinham mais a aprender com o estudo de paisagens populares e comerciais (como as dos subúrbios e locais de concentração de comércio) do que com a busca de ideais abstratos, teóricos e doutrinários.⁵

Esta afirmação de David Harvey ao comentar o *Learning From Las Vegas*, de Venturi, no início capítulo *Pós-modernismo* pode ser tomada para compreender o contexto do livro comentado na pequena reportagem de Rodrigo Moura, da *Folha de São Paulo* de 20 de dezembro de 2001.

O artigo em questão, da *Folha de São Paulo* trata do livro *A Estética da Ginga* da pesquisadora e arquiteta Paola Berenstein Jacques, que partiu de uma idéia conhecida para fazer um trabalho sobre as favelas cariocas: “Em 1964 Oiticica [...] aprendeu, nas quebradas dos morros uma complexidade social e arquitetônica que, em termos visuais, traduziu-se em ‘Penetráveis’ e ‘Parangolés’”.

⁵ HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 2005, p. 45.

A partir deste tema Paola B. Jacques faz uma análise da situação das favelas e as implicações com a arquitetura, propõe que a favela faz parte do patrimônio cultural e estético do País ⁶ e que intervenções de arquitetos nas favelas devem levar em consideração uma série de fatores que resumidamente poderiam ser enumerados da seguinte forma:

1. Os barracos das favelas são construídos inicialmente com fragmentos de materiais, as casas vão evoluindo constantemente, até chegar à casa de alvenaria, mas como vindas dos fragmentos não existe forma pré-estabelecida ela termina por estar sempre inacabada.

2. Labirinto, os caminhos internos das favelas formam um labirinto, que além de provocar a sensação labiríntica aos visitantes, pela falta de referências espaciais, pois não há marcos notáveis que possam diferenciar a paisagem, torna todas as perspectivas fragmentárias, estão sempre mudando.

3. Rizoma, como nas gramíneas, a favela vai ocupando novos espaços, aumentando seu território, “as favelas são formações orgânicas que se constituem por ocupações ‘selvagens’ de terrenos”.

A seguir a autora propõe uma forma de se trabalhar com as favelas:

Em relação às favelas, se existe algum tipo de intenção patrimonial (no sentido de preservar a identidade cultural e estética desses espaços) no momento da urbanização, o importante a se preservar não deveria ser nem a sua arquitetura, os barracos, nem o seu urbanismo, as vielas, mas o próprio movimento das favelas, através de seus atores, os moradores. Os arquitetos e urbanistas no momento de urbanizar as favelas deveriam seguir os movimentos já começados pelos moradores, para ao invés de se fixar os espaços criando enfadonhos bairros formais ordinários, se possa conservar o movimento existente, ou seja, a própria vida das favelas (que é quase sempre muito mais intensa e comunitária do que nos bairros formais).⁷

Paola B. Jacques não considera a construção da favela uma arquitetura, porque não teria um projeto definido, seria aleatória, uma “bricolagem”, a favela nega a arquitetura que define a obra acabada antes de iniciar a construção, também não seria algo acabado porque estaria em construção permanente. Nem tampouco

⁶ Recentemente partes de favelas centenárias próximas ao centro do Rio de Janeiro foram tombadas como patrimônio histórico.

⁷ JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da favela**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp078.asp>. Acesso em 22 ago. 2005.

seria urbanismo a trama labiríntica que formam o conjunto dos abrigos, e não seriam habitações porque são temporárias.

O conceito de ser ou não arquitetura e urbanismo os barracos e as favelas é muito discutível, talvez não tenha sustentação contra uma argumentação aprofundada, é a história das cidades, as cidades medievais, maleáveis e flexíveis, que também surgiram e desenvolveram-se organicamente, guardando as devidas proporções, está sim inserido em problemas urbanos em qualquer lugar do mundo, e o urbanismo tem que refletir sobre o problema.

A idéia de contrapor as favelas com o projeto determinista e retificador do modernismo pode trazer muitos dados a discussão do pós-modernismo. Principalmente se for considerado o conceito dos textos em intersecção com textos, do desconstrucionismo de Derrida, que tanto influenciou o pensamento pós-moderno e muitos arquitetos, como Peter Eisenman. Ao mesmo tempo a análise das favelas sobre a ótica da arquitetura e do urbanismo vem de encontro com a sugestão de David Harvey de que os arquitetos têm mais a aprender com o estudo de paisagens populares. Este estudo das favelas também concorda com a afirmação de Paolo Portoguesi de que o modernismo não conseguiu resolver a questão da integração das populações, uma resposta recorrente do modernismo à questão é a construção de conjuntos habitacionais, esta resposta que em alguns casos até pode ser viável e adequada não é a única possível. Ela traz consigo aquele conceito de que o modernismo sempre fez a demolição do existente para construir o novo, estas soluções não traduzem o sentimento de comunidade dos habitantes das favelas e nem a questão da identificação com o local, o sentimento de identidade que muitas vezes é uma opção de vida.

Ainda sobre o tema tem-se visto pouca iniciativa do poder público no sentido de urbanizar, sanear, cadastrar e construir equipamentos públicos. A política oficial majoritária responde ao conceito retificador do modernismo: construir conjuntos habitacionais. Não se deve descartar por completo a solução dos conjuntos habitacionais, mas não é a única solução.

Vê-se que a crítica feita ao pensamento moderno de centralização, de não contemplar a diversidade de soluções possíveis é uma crítica procedente. A forma como se dá a integração das favelas à cidade é contestada por Paola Jacques: “até o caso mais brando atual, onde os arquitetos da dita pós-modernidade passaram a intervir nas favelas existentes visando transformá-las em bairros, a

lógica racional dos arquitetos e urbanistas ainda é prioritária e estes acabam por impor a sua própria estética que é quase sempre a da cidade dita formal.” A autora contesta o que seria uma imposição e descaracterização no formato de ocupação que não seria apropriada pela população local. Mas, um projeto construído junto com a comunidade, que abrisse espaços no interior das favelas, proporcionando áreas de lazer, áreas verdes, contenção de encostas, creche, escolas, posto de saúde são iniciativas que se acordadas com a população num projeto decidido em conjunto com os moradores tem grandes chances de ser muito bem aceito.

Na reportagem da *Folha de São Paulo* a autora volta atrás em seu conceito de intervenção de pós-modernistas, fazendo uma outra análise do que seria o moderno e o pós-moderno: “A arquitetura moderna brasileira ainda não foi devidamente desconstruída para que um debate dito ‘pós-moderno’ sério pudesse ocorrer,...”.

Este tipo de assunto das cidades, de urbanização é de interesse geral, e as formas de se trabalhar a questão pela arquitetura deveriam ser debatidas com profundidade entre os arquitetos, o poder público e a sociedade. A imprensa seria o foro ideal para esse debate; este artigo, focado em questões de arquitetura e artes plásticas não trouxe o urbanismo, não logrou sequer chegar próximo desta discussão, está reduzido à questão da estética (*Estética da Ginga*), que é uma questão fundamental, mas hermética, de difícil compreensão para o leitor, considerando o leitor em geral. O tema é um mote para uma abordagem ampla, englobando a questão da favela como questão social do urbanismo, e poderia trazer maior interesse para o assunto, assim a crítica poderia contribuir para despertar o interesse do leitor.

Fredric Jameson, interessado pela produção do terceiro mundo, que se contrapor a “cegueira do centro”, uma visão periférica por estar ao mesmo tempo dentro e fora do sistema multidirecional, propõe uma epistemologia do ativismo. “Compete ao crítico cultural radical buscar textos culturais que, através de uma dimensão utópica, sejam capazes de enfrentar o desafio pós-moderno e manter vivo o impulso de luta por um futuro melhor”.⁸

⁸ JAMESON, Fredric. op. cit. p. 15.

Uma exposição

Mostra conta a história da edificação do século 20.

São Paulo, 24 set. 2000, O Estado de São Paulo, Caderno 2.

Maria Cecília Loschiavo dos Santos

Exposição ocupa, até hoje, o Geffen Contemporary, em Los Angeles.

Muito significativa esta “megaexposição” de arquitetura, como visto pela descrição muito bem feita, trazendo de tudo um pouco do séc. 20, da Bauhaus à arquitetura do nazista. Dividida em 21 seções, com mais de 150 maquetes, 550 desenhos originais, 250 fotos, mobiliário, filmes históricos, incluindo uma apresentação multimídia “The Unbuilt” (permitindo entrar virtualmente em espaços não construídos), para “retratar o legado da arquitetura do século 20 e sua influência sobre o nosso modo de vida”, “resulta numa mostra didática que vem atraindo o grande público, propiciando assim, uma conscientização sobre o papel decisivo da arquitetura”.

Projetos urbanos, reconstrução de cidades destruídas, cidades industriais, futurismo, funcionalismo nos ambientes domésticos, políticas de monumentalidade na arquitetura, construção de novas capitais, (vale notar que, obviamente Brasília, e Lúcio Costa integraram o módulo da exposição *Criação das Novas Capitais na Segunda Metade do Século*). Houve também uma referência ao trabalho de Lina Bo Bardi no módulo O Centro e a Periferia, Integrações e Híbridizações.

Enfim uma exposição que, como visto pela competente descrição da professora Maria Cecília Loschiavo, trouxe muita informação e acessível a quem a visitou. Cumpriu um papel importante, e dentro da temática deste trabalho, a questão da didática, e informação para o público leigo.

Guggenheim de NY mostra reinvenções de Gehry.

São Paulo, 15 ago. 2001, O Estado de São Paulo, Caderno 2.

Jotabê Medeiros e Tonica Chagas

Uma boa reportagem, bem ilustrada e bem montada, de duas páginas com depoimentos contrário e favorável ao arquiteto, “Frank Gehry: Architect, um

show de muitas formas arquitetônicas esculturais”, o artigo começa fazendo uma analogia entre os arquitetos notórios, Frank Lloyd Wright e Frank Gehry. Quarenta e oito anos antes teria havido uma exposição sobre o Lloyd Wright, o mestre americano, resta imaginar, se ele gostaria desta nova exposição, e agora para o público, sem dúvida há um outro Frank, arquiteto dos Estados Unidos, mas este (Gehry) é nascido no Canadá.

Há uma descrição sobre a disposição da exposição, nas rampas e galerias do Guggenheim. Um pensamento de Gehry: “edifícios em construção parecem muito mais bonitos que edifícios prontos”.

As linhas curvas passaram a ser o marco estético principal na arquitetura de Gehry a partir do fim dos anos 80, com o primeiro projeto que ele realizou na Europa, o edifício sede da fábrica de móveis Vitra.

Uma longa descrição sobre programa de computador utilizado, o Catia, que basicamente faz uma leitura e digitalização de maquetes. Materiais como telas metálicas galvanizadas, placas de compensado, placas de metal corrugado, já na década de 70 na Califórnia. Na década de 90 o metal como material de acabamento como as placas de titânio em Bilbao.

Um apaixonado pelas artes plásticas, Gehry procura dar a seus edifícios a qualidade da pintura sobre tela. A tecnologia alcançada por meio da computação também lhe permitiu transpor o gestual da pintura para a superfície de um prédio.

“Quando se olha para os meus edifícios não se percebe que sigo uma linguagem tradicional porque as formas não parecem as mesmas.” “Preciso de muita gente para fazer funcionar um desses edifícios engraçados.” (Frank Gehry).

Dois depoimentos, um contra e outro a favor do arquiteto, que pouco contribuem para a compreensão, apenas para entender que há a polêmica:

Maria Hirzman diz que há uma primazia do espetáculo sobre o conteúdo, e o turista que vista a obra, passa um dia, vê a “alcachofra de titânio” e nunca mais volta.

Moacir Amâncio diz que um de seus méritos é provocar o debate sobre a própria obra, constrói vários elogios a sua trajetória, e que “produz ideogramas de idioma próprio e coletivo, a espera de constante decifração”.

Pode ser concluído, com certeza, destas informações todas sobre Frank Gehry é que sua obra está movida por uma liberdade extrema, é personalista, e

irônica, “um desses edifícios engraçados” como mesmo diz quase gratuitamente, certamente o leitor não vai discernir o que existe entre uma obra explosiva como esta, de outra elegante, como os recentes trabalhos de Renzo Piano, ou que uma declaração como a de Paulo Mendes da Rocha na véspera da Bienal de Veneza de 2000, poderia esclarecer mais o tema: “o que fazer, num mundo em que tudo pode ser feito”.

Bienal de Arquitetura de Veneza (2000)

A Ética na Arquitetura.

São Paulo, 15 jun. 2000, O Estado de São Paulo, Caderno 2.

Ana Weiss

Jotabê Medeiros

Maria Cecília Loschiavo dos Santos (entrevista Henry-Pierre Jeudy)

Marcelo Ferraz

Lúcio Gomes Machado

João Filgueiras Lima e Paulo Mendes da Rocha (entrevistas)

Com o tema Cidade: Menos Estética mais Ética, começa no domingo para o público a 7ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza.

Esta matéria do *Caderno 2* é uma das mais extensas encontradas (quatro páginas), que discutem questões da arquitetura contemporânea, mesmo que baseada em dois arquitetos conhecidos João Filgueiras Lima (Lelé) e Paulo Mendes da Rocha que foram selecionados para a representação brasileira na Bienal.

É uma rara cobertura, muito rica, com várias reportagens que aprofundaram o tema, analisaram sob vários aspectos, considerando diferentes posições em várias entrevistas e comentários. É importante ressaltar que a cobertura sobre a Bienal seguinte, no ano de 2002, quando a representação brasileira envolveu-se com uma polêmica seleção de fotos de favelas e periferia, a cobertura dos jornais foi pequena, quase inexistente.

A introdução de Ana Weiss descreve sucintamente como as curadoras Rosa Artigas e Glória Maria Bayeux selecionaram o material para a mostra, de acordo com a temática focada em questões sociais.

Dos trabalhos do Paulo M Rocha foram selecionados projetos urbanos no lugar de obras de apelo estético como o MuBE. E de Lelé obviamente foram selecionadas às fabricas de hospital da rede Sara, e projetos como terminais de ônibus também construído em fábricas de argamassa armada.

A seguir temos entrevistas com Lelé e Paulo Mendes da Rocha, comentando aspectos de suas vidas e obras. É tocante ler o ácido ataque que Mendes da Rocha faz ao arquiteto Mario Botta, no resumo do artigo de Mario Botta (10 jun. 2000 – O Estado de S. Paulo), já esta descrita um pouco esta polêmica. P Mendes da Rocha chega a declarar que a arquitetura de Mário Botta “é uma arquitetura de monumentalidades, que não enfrenta os problemas de caráter técnico das cidades”. Vale ressaltar que esta é uma linha de pensamento absolutamente sintonizada com o ideário modernista, que buscou uma incessantemente uma grande fórmula capaz de resolver todos os problemas técnicos das cidades. Um grande planejamento, a grande explicação.

Independentemente da quase indiscutível e absoluta qualidade estética, poética e tantos outros atributos da arquitetura de P Mendes da Rocha observa-se que ele se sente ameaçado e reage, quase “passionalmente”, a algo que foge de seu controle, sua afirmação seguinte, sobre o tema da Bienal de Arquitetura de Veneza (2000) – Cidade Menos Estética, Mais Ética, é muito coerente, ele justifica o tema afirmando: “A questão sobre o que fazer num mundo onde se pode fazer tudo é fundamental”, vem de encontro justamente com vários pensamentos sobre arquitetura. Arquitetura que hoje estaria com um leque de possibilidades tão grande, propiciado por novas tecnologias e novos materiais, que aumenta sobremaneira a possibilidade de ocorrerem erros e deformações arquitetônicas. Equívocos causados por megalomania, obras que por uma busca cega de originalidade cometem erros primários de escala, composição, problemas futuros de manutenção, inadequação ao entorno, ao lugar.

A seguir há uma entrevista com Henri-Pierre Jeudy, sociólogo francês do Centre National de la Recherche Scientifique CNRS em Paris, que tem uma pequena biografia e indicação de livros escritos na introdução da entrevista, estava à

época coordenando um projeto Laboratoire d'Antropologie des Institutions et des Organizations Sociales CNRS e a FAUUSP.

Na entrevista organizada pela professora Maria Cecília Loschiavo dos Santos o sociólogo, que foi curador do pavilhão francês nesta Bienal, fala muito sobre a questão das favelas, dos desabrigados e questiona o que seria esta ética proposta como tema da Bienal. O questionamento basicamente é de que o poder público e econômico não reconhece a auto-organização, a manifestação popular, a autoconstrução de moradias e quer “patrimonializar” a favela, inclusive com algumas sendo hoje, objeto de tombamento pelo patrimônio histórico. “Favelas tornaram-se objeto de cobiça”.

“A invocação imperativa da ética hoje em dia faz figura de um apelo ao moralismo eficiente”, esse é, resumidamente, o posicionamento do sociólogo francês, para quem há uma trilogia ética – estética – política, alternando-se, quando a ética não funciona entra a estética ou a política, alternadamente.

Há no pensamento de Jeudy um questionamento acerca do domínio norte-sul, da transferência de tecnologias, da figura do arquiteto de sucesso dos países centrais. A linha de seu raciocínio é que qualquer coisa que se faça em favelas e periferias deveria levar em conta o diálogo com o atuante local, sem conceitos centrais pré-estabelecidos.

Marcelo Ferraz em seu artigo sobre a Bienal afirma que as cidades brasileiras precisam de muita ética, mas afirma que a estética não pode ser deixada de lado, a estética é escolha, é conhecimento, discernimento, “o sentido das coisas”, e que o próprio exemplo de Veneza, construída com tanto senso estético prova porque o tema da Bienal “pode se um grande engano”.

Lucio Gomes Machado escreveu que o arquiteto, nesta proposta da Bienal de Veneza, seria o centro de uma mudança que ele não controla, que se deslocaria da estética para a ética. Afirma que o arquiteto deveria retomar seu papel de “protagonista” das mudanças, e que assim teria sido no antigo Egito e na Alemanha dos anos 20, e segue explicando esses dois momentos. Segue comentando vários fatos da história da arquitetura moderna e afirma que “o arquiteto não tem controle do processo de projeto em toda a sua dimensão, não existindo de fato uma arquitetura de autor, como entendida na Europa”. Basicamente Lucio Gomes afirma que o arquiteto é marginal às principais discussões e decisões da sociedade, que tem muitos problemas mais urgentes para resolver como a

superpopulação, por exemplo. O que talvez seja importante salientar deste artigo é que prevalece a visão modernista de que o arquiteto em algum momento deveria ter um papel proeminente, ou de liderança em processos dos destinos da cidade, como se fosse uma condição sem a qual não seria possível garantir uma qualidade às cidades.

Bienal de Arquitetura de Veneza (2002)

Favelas&controvérsias.

São Paulo, 6 set. 2002, Folha de São Paulo, Ilustrada.
Alcino Leite Neto

Polêmico pavilhão brasileiro na 8ª Mostra de Arquitetura é inaugurado hoje a Itália.

O pequeno artigo, único sobre a agora chamada 8ª Mostra de Arquitetura de Veneza (a 7ª foi chamada de Bienal) retrata a polêmica que foi a participação brasileira “O País vai exibir suas favelas em fotos jornalísticas que estampam a degradação urbana e em painéis que mostram 25 projetos de melhoria nesses locais.”

Basicamente este artigo mostra a polêmica que foi a decisão da participação brasileira nesta aqui chamada de Mostra de Arquitetura, é impreciso, não explica de quem foi a decisão, se das curadoras do presidente da Bienal ou do vice-comissário, não explica qual o título do tema da Bienal, apenas que é o “desenvolvimento urbanístico futuro”

Algo bastante esclarecedor, levantado pela reportagem, foi que a principal oposição ao tema brasileiro foi do embaixador do Brasil na Itália, Andrea Matarazzo, que parece ter se tranqüilizado apenas quando soube que a exposição teria 30% de fotos jornalísticas e 70% de espaço para as soluções.

Analisando a cobertura dos jornais da 7ª e da 8ª Bienais de Arquitetura, o mais evidente é que houve um desequilíbrio evidente entre a quantidade das duas coberturas. Para a 7ª Bienal (2000), com representação baseada em João Filgueiras

Lima e Paulo Mendes da Rocha, foram cinco artigos, três do O Estado de S. Paulo e dois da Folha de S. Paulo, sendo um de 4 páginas do *Caderno 2*. Para a 8ª edição, com o polêmico tema das favelas e periferia da representação brasileira apenas uma nota de menos de meia página da Folha de S. Paulo. Perdeu importância a Bienal (improvável), houve pressão e estímulo para uma cobertura maior em 2000, houve um abafamento da polêmica em 2002, ou aleatoriamente elegeram-se assuntos de maneira desequilibrada.

Livros de arquitetura

Livro documenta a reconstrução do Oficina.

São Paulo, 20 jan. 2000, O Estado de São Paulo, Caderno 2.
Ana Weiss

Este texto de uma página traz muita informação sobre o projeto, arquitetos envolvidos, e muitos acontecimentos, que envolveram e continuaram pendentes na história do Teatro Oficina. Poderia ser mais bem ilustrado com mais imagens das propostas, principalmente para melhor explicar a integração ao entorno que foi projetado. O texto ainda explica bem outras participações como a de Edson Elito, Paulo Mendes da Rocha, mas não fica muito clara a participação de Joaquim Guedes citado no artigo.

Provavelmente a autora baseou-se bem no texto do livro para escrever o artigo (Lina Bo Bardi – Teatro Oficina 1980-1984, Ed. Blau, 49 pgs.), e conseguiu transmitir ao leitor um pouco do processo de trabalho da Lina Bo.

Argan combate a arte que se exclui do mundo.

São Paulo, 26 nov. 2000, O Estado de São Paulo, Caderno 2.
Teixeira Coelho

Nesta divulgação do livro de Giulio Carlo Argan, Teixeira Coelho, que é professor da ECA faz uma análise muito voltada às artes plásticas, com pouca

informação sobre a arquitetura, que é o tema central da obra de Argan. Teixeira Coelho é professor de teoria da comunicação na ECA-USP, e sua análise ficou centrada na questão da comunicação, de artes plásticas. Tanto que esta matéria de uma página está ricamente ilustrada com artes plásticas, ilustrações coloridas. Há três grandes reproduções de obras de Andy Warhol, uma foto de Salvador Dali, uma reprodução grande de um retrato de Gala, sua esposa, e uma pequena reprodução da capa do livro de Argan, *Projeto e destino*, um livro de 334 páginas que em sua quase totalidade trata de arquitetura, cidades, desenho industrial. A impressão é que o professor Teixeira Coelho tinha um artigo pronto sobre artes plásticas e o enviou como resenha do livro sobre arquitetura.

A arquitetura invoca os deuses.

São Paulo, 23 dez. 2000, Jornal da Tarde.

Ana Elena Salvi

Na mesma divulgação de lançamento do *Projeto e destino*, de Giulio Carlo Argan, foi escrito este texto, que, este sim, está bem focado em arquitetura e urbanismo, diferentemente da resenha anterior. Esta autora, arquiteta, tece seus comentários sobre a obra de Argan, e faz sua resenha do livro focando mais em arquitetura, por isso seu texto é notadamente mais fiel ao conteúdo do excelente livro que o anterior. Temas como Frank Lloyd Wright, Bauhaus, Gropius, Marcel Breuer, Le Corbusier, e outros. Podemos concluir então, neste caso, que uma resenha bem escrita por um especialista em arquitetura trouxe mais informações, específicas sobre a arquitetura, o tema analisado, e o resultado foi que o Jornal da Tarde teve um artigo visivelmente melhor que O Estado de São Paulo.

Questão de estilo

Arquitetura do País utiliza modelo do exterior.

São Paulo, 10 set. 2000, O Estado de São Paulo, Caderno de Imóveis.

Elenita Fogaça

Novos empreendimentos apresentam estilos americanos e europeus, mas com quarto de empregada e terraço.

“O neoclássico valoriza os empreendimentos” diz Itamar Berezin, que explica que em seus projetos tem usado um estilo denominado neopós, que é um neoclássico adaptado ao gosto e necessidades dos brasileiros. O arquiteto Jonas Birger, diz que apesar de estar por conta do estilo prefere fugir dele “o modismo passa rápido, e o estilo dos palacetes europeus não tem nada a ver com os brasileiros.” Portanto o arquiteto declaradamente constrói algo em que não acredita, faltou o texto explorar um pouco este fato, para tentar saber por que o profissional está fazendo projetos e não está se identificando com eles.

Mistura de estilos marca arquitetura de SP.

São Paulo, 21 jan. 2001, O Estado de São Paulo, Caderno Construção.

Marcos Lopes

Segundo especialistas, construções da capital não obedecem a nenhum padrão ou escola.

Este artigo descreve superficialmente a variedade de estilos de arquitetura e construções da cidade de São Paulo. Na realidade o que está descrito em termos de estilo de arquitetura pode ser visto em qualquer grande cidade do século 20, influências européias, art nouveau, art déco, o modernismo desde seu início, tudo isso pode ser lido nas construções de São Paulo. O artigo descreve corretamente algumas particularidades de São Paulo, como o pioneirismo de Dubugras na utilização do concreto armado, mas exagera um pouco na participação dos profissionais da FAUUSP no desenvolvimento do movimento modernista, mas escreveu assim baseado em depoimentos equivocados de dois arquitetos entrevistados.

Questão de estilo. 'Popularizado', neoclássico sai de moda no alto padrão.

São Paulo, 28 jul. 2002, Folha de São Paulo, Caderno Construção.

Elenita Fogaça

Embora seja sinônimo de imponência e luxo, neoclássico divide opiniões entre arquitetos e construtores. [...] Construtores e consumidores estão em busca de um novo estilo.

O artigo começa com um equívoco, em consequência de uma informação distorcida de um empreendedor à jornalista, que aceitou por desconhecimento a informação: diz que o neoclássico em São Paulo tem 30 anos:

O neoclássico, que nas últimas três décadas, reinou sozinho em empreendimentos de alto padrão, ganhou novas versões e hoje está presente nos imóveis de classe média e até nos populares.

'Ninguém mais está respeitando o rigor das proporções exigidas pelo neoclássico', diz o construtor Adolpho Lindemberg, 78 o primeiro a erguer espigões na cidade neste estilo nos anos 60.

Ocorre é que nos anos 70 a construtora citada fazia prédios residenciais, mas não no estilo neoclássico, e sim no estilo mediterrâneo, que foi outro modismo que entrou em desuso e deixou vários edifícios com sérios problemas de manutenção na cidade. A referida construtora embarcou na moda do estilo neoclássico dos anos 80 e passou a dizer que atuava com essas características desde os anos 60, mas não corresponde com a realidade, a construtora Lindemberg não é pioneira neste estilo, e talvez um dia até julgue mais conveniente deslocar sua imagem do "neoclássico".

Henrique Cambiaghi presidente das ASBEA, afirma que o estilo está com os dias contados, será substituído pelos revestimentos cerâmicos ou outros em tons pastéis, que tem um menor custo de execução e de manutenção. O coordenador do sindicato da construção civil, Mauricio Bianchi, diz que hoje o mercado oferece soluções melhores como painéis prontos, que substituirão o neoclássico, mais oneroso.

São entrevistados 3 arquitetos que aprovam muitos projetos de edifícios residenciais, muitos deles no estilo neoclássico.

Roberto Candusso: o neoclássico é uma questão de modismo. "Quando a moda de roupas cai no gosto popular as pessoas de melhor poder aquisitivo migram para as novidades".

Israel Rewim, conhecido por projetar neste estilo, diz que a repetição do uso do estilo e o barateamento para a classe média e média baixa fizeram com que a qualidade caísse muito. “É preciso apresentar algo de novo ao mercado”.

Itamar Berezin, diz que busca sempre uma linguagem própria, e é como dar uma nova leitura ao neoclássico, as pessoas gostam do estilo e as construtoras vendem. No alto padrão ele é sempre atual.

Projetos e canteiro

Álvaro Siza vem projetar a nova casa de Iberê Camargo.

São Paulo, 11 mar. 2000, Folha de S. Paulo, Ilustrada.

Celso Fioravante

Arquiteto português chega em abril para mostrar projeto para fundação do pintor gaúcho.

O artigo começa traçando um paralelo entre o trabalho de Álvaro Siza na fundação Iberê Camargo e a participação de Le Corbusier no MEC na década de 30, que são coisas completamente diferentes. O Álvaro Siza teve total autonomia para fazer este projeto (que está para ser inaugurado em 2007), enquanto o MEC teve seu projeto feito pela equipe liderada por Lúcio Costa.

A Fundação Iberê Camargo organizadamente preparou uma comissão para adaptar o projeto de Álvaro Siza, com responsáveis pelo projeto executivo e demais adequações, houve uma preocupação com a adequação ambiental do edifício (auto-sustentabilidade). O projeto faz parte de uma reestruturação urbanística ao longo do Rio Guaíba.

Álvoro Siza foi convidado a fazer o projeto, “Nenhum arquiteto brasileiro foi cogitado pela fundação. ‘O Brasil não tem tradição na construção de museus. Nos últimos anos, o País construiu apenas o MuBE e o MAC de Niterói. Corríamos o risco de que fossem cometidos equívocos, disse Justo Werlang.”

O único posicionamento contrário ao Álvaro Siza veio de Carlos Teixeira, que afirmou que Siza é um “tardo-modernista”, é um “continuador do movimento moderno cujos projetos têm os mesmos problemas”.

Protecionismo divide arquitetos brasileiros. (continuação)

Todas as entrevistas neste segmento da reportagem afirmam que falta ao Brasil maior intercâmbio internacional na arquitetura. Foram entrevistados Lúcio Gomes Machado, Carlos Bratke, Gianfranco Vanuchi e Paulo Mendes da Rocha. O que não justifica a palavra no subtítulo protecionismo, pelo menos por parte destes profissionais. Haveria o protecionismo formal, regulamentado, ou o imposto pela inflação, que inviabilizou a contratação de arquitetos estrangeiros, como foi citado pelos arquitetos entrevistados. Provavelmente pelo fato da contratação de Álvaro Siza ter se dado para um projeto especial, um museu, por ser um arquiteto coerente e reconhecido e português, não causou tanta polêmica o fato de não ter havido concurso para este projeto.

Reino Unido transforma-se em canteiro para a cultura.

São Paulo, 21 jul. 2000, Folha de S. Paulo, Ilustrada.

Ricardo Grinbaum

País decide investir mais que França e Alemanha.

Este artigo, de muito interesse porque mostra como as obras de arquitetura podem modificar uma cidade importante e central como Londres, que, com a situação descrita neste pequeno artigo está orgulhosa com as transformações por que está passando.

O artigo é pequeno para narrar a dimensão das transformações em Londres, poderia ser mais ilustrado, trazer mais detalhes e destacar o papel que as obras tem para a cidade e para a identidade do país como um todo. Entretanto nos dá uma noção, inclusive do mecanismo que o governo criou para obter verbas para os investimentos culturais, uma loteria que arrecadou mais de R\$ 12 bilhões que estariam sendo empregados em mais de 10 mil obras em todo país. Obras como o Tate Modern, a reforma do British Museum com seu novo salão interno, reforma da

Royal Opera House, nova ala do Science Museum. “As obras financiadas pela loteria ajudaram a criar este ambiente de renascimento cultural, mas o movimento ganhou força porque havia um interesse público pela arte, diz o crítico Matew Collins”.

Arquiteto testemunha

Arquiteto é apenas testemunha, diz Mario Botta.

São Paulo, 10 jun. 2000, O Estado de S. Paulo, Caderno 2.
Jotabê Medeiros

Nesta entrevista Mario Botta faz uma crítica contundente a Bienal de Veneza que segundo ele mostra de tudo e de onde não se extrai nada, a tese de Botta é a de que o arquiteto tem um poder limitado sobre a cidade, seu papel é o trabalhar sobre a memória e o espírito da cidade, e apenas assim poderá participar, não tem papel político decisivo nas cidades.

Esta crítica de Botta à Bienal de Veneza foi duramente criticada por Paulo Mendes da Rocha, que participava da Bienal, Paulo Mendes chegou a declarar, entre outras coisas, que a obra de Botta mascara os problemas da cidade.

Neste caso vale ressaltar que a polêmica foi muito boa e mereceria ser mais bem aprofundada e exemplifica muito bem o papel que a arquitetura na imprensa poderia ter, este tipo de polêmica faz com que os leitores tomem partido e formem suas opiniões.

e continua Mario Botta:

“Em minha opinião, o movimento moderno não traiu a sua crença, mas traiu-se a si mesmo, a sociedade industrial perdeu seus objetivos iniciais e forçou o homem a se conformar com as leis da tecnologia e da mecanização”.

Analisando as obras de Mario Botta (<http://www.botta.ch>), as obras com fotos no artigo: o Museu de Arte Moderna de São Francisco e a Sinagoga Cymbalista, sua biografia, influenciado por L. Kahn, Carlo Scarpa, e por ter

participado do movimento neo-racionalista italiano, que pregava uma utilização sólida e artesanal dos materiais fica muito difícil dividir sua obra e classificá-la apenas como pós-moderna, em oposição ao modernismo. Não é uma obra vulgar como Paolo Portoguesi caracterizou certas correntes iniciais ditas pós-modernas. A obra de Mario Botta é contundente e vigorosa, não é gratuitamente irônica, mas muito sólida. É uma matéria bem escrita, e bem ilustrada, nota-se que houve uma pesquisa sobre o tema que inclui detalhes da carreira do arquiteto.

A arquitetura do museu

Esqueça tudo o que você já sabia sobre museus.

São Paulo, 22 nov. 2000, Caderno 2.

U.B.

Esta matéria é importante para entender parte da imensa discussão descrita nos artigos posteriores que tratam dos museus, que basicamente questionam as características que vem tomando alguns projetos de museus, espetacularizados, voltados para as mídias, “virando shoppings”. O artigo descreve o trabalho de um escritório americano de design, Ralph Appelbaum, especializado em museus, que seria composto por 70 designers, com mais de cem projetos em espaços públicos, e que teria vários trabalhos executados em várias partes do mundo, inclusive já trabalharam no Brasil, sede em Nova York e representações em outros países.

O artigo é um pouco superficial e não consegue explicar claramente o que faz o escritório de Ralph Appelbaum, dúvida que pode ser desfeita visitando o site do escritório: <http://www.raany.com/>, onde basicamente pode-se constatar que o escritório trabalha com interiores de museus, ou organizam ambientações e projetos de exposições especiais em museus, é especializado e só faz este tipo de trabalho com museus.

O portfólio em seu site é formado por trabalhos com interiores, ambientações, acabamentos, materiais, cuidado especial com luzes, comunicação

visual, organização do espaço, cores, enfim, é muito especialização e há um grande profissionalismo.

Naturalmente que esta profissionalização da museologia, um fenômeno americano, está apenas no sentido da organização, funcionamento, comunicação, trabalho com acervos. A espetacularização dos museus é um fenômeno que, ao contrário deste cuidado com o interior dos espaços, está notadamente relacionado com a aparência exterior dos museus, com uma arquitetura chocante e apelativa, que procura chamar atenção do público e da mídia para suas formas, e a organização interna do museu passa para um segundo plano.

Museus estão virando shoppings.

São Paulo, 3 jun. 2002, **Folha de São Paulo, Ilustrada**.
Cassiano Elek Machado

A posição de Álvaro Siza em relação aos museus pode ser entendida com o depoimento que Umberto Eco fez, em um seminário no Guggenheim de Bilbao: “o museu futuro deve ter apenas uma obra”. Como está explicado na resposta de A Siza sobre fala de Umberto Eco, é uma maneira contundente de expor a posição contra a enorme estrutura que os museus estão adquirindo para se auto-sustentar, são estrutura gigantes caras, que precisam criar lojas cada vez maiores para se financiarem, e a preparação feita para a visita, a produção. Locação de espaços, “atividades que dificultam a concentração”.

Respondendo a uma pergunta específica, se museus como o Guggenheim Bilbao roubam a atenção das obras para o prédio:

O desenho de um museu deve criar as melhores condições para as obras de arte. A melhor luz, o melhor ambiente, a melhor acústica. O essencial, não se discute, é a exposição das obras, ainda que também possa haver momentos puramente lúdicos ou de festa. A resposta a dar tem de ser a de um certo distanciamento em relação ao que é a essência do museu, para dar abertura e flexibilidade, mas também de uma certa contenção.

Álvaro Siza foi convidado para fazer este projeto do museu Iberê Camargo em Porto Alegre, para ver detalhes deste projeto consulte o artigo *Álvaro Siza vem projetar a nova casa de Iberê Camargo*, Folha de São Paulo, 11 mar. 2000.

Tate Modern, entre a invenção e a opulência.

São Paulo, 17 set. 2000. O Estado de São Paulo, Caderno 2.

Jotabê Medeiros

O título deste artigo não define bem o espírito deste projeto, o conceito de reciclar uma antiga usina termelétrica próxima ao centro de Londres, reutilizando uma estrutura, e o resultado final, onde uma fina faixa de luz horizontal transparente, que iluminada, substitui a iluminação da antiga chaminé. Uma obra como essa, um museu de interesse público, para uma cidade rica como Londres que não é afeita a obras faraônicas, não pode ser nunca chamada de opulenta, mas talvez o problema estema mais no título porque na seqüência diz que há uma “lição de racionalidade”.

O artigo descreve brevemente sobre a autoria do projeto, dos arquitetos Jacques Herzog e Pierre de Meuron, e alguns projetos da dupla, e logo em seguida são curiosos ao definir a intervenção:

...a modernidade do prédio da Tate Modern não está definida por uma exuberante intervenção arquitetônica. Pelo contrário tudo é feito de modo a preservar as características originais da antiga usina de força.

A seguir vem uma breve explicação sobre o concurso, do qual (segundo o autor do artigo) participaram Renzo Piano, Tadao Ando, Raphael Moneo e os novatos David Chipperfield e Rem Koolhaas, é impressionante, no ano 2000 chamar Rem Koolhaas de novato é um absurdo, está completamente fora de sintonia com o mundo da arquitetura.

As galerias de exibição são distribuídas em três andares, todos com vitrines de vidro para o grande hall central, a Sala da Turbina.

Este pequeno trecho onde ele explica como são as “vitrines de vidro”, e o anterior onde ele define a modernidade do prédio da Tate Modern, são os únicos que descrevem um pouco a arquitetura do local. Na outra metade do artigo de uma página o autor, que escreve sobre o funcionamento, sobre o acervo e formas de exposição do museu.

É um artigo confuso, mistura arquitetura com artes plásticas, e é insuficiente, ao menos no que se refere à descrição da arquitetura do Tate Modern, chamado de opulento, tem vários erros e é vago. Se a intenção do jornal era escrever sobre a arquitetura definitivamente não foi bem sucedido, uma pena porque

o autor sabe fazer boas matérias, como seu artigo sobre o Mario Botta. Fica a impressão que a intenção de escrever sobre o espaço do museu mesclou-se com exposições no local e derivou para artes plásticas.

Perdeu uma oportunidade valiosa de mostrar melhor uma obra muito bem sucedida e salientar a adaptação de uma antiga estrutura, informação sobre um procedimento que pode ser significativo para São Paulo, por exemplo, que derruba velhas estruturas industriais, belíssimas por toda a cidade, para construir edifícios. Seria conveniente para todos conhecer mais uma obra deste tipo, como o muito bem sucedido SESC Pompéia, que também tem o mesmo partido de adaptar-se a uma antiga estrutura.

Os museus viram peças de museu.

São Paulo, 21 jan. 2002, Jornal da Tarde.

André Nigri

Este artigo, muito bem construído com vários depoimentos tratando da arquitetura de museus, está inserido no contexto do hoje esquecido projeto de trazer uma filial do Guggenheim para o Rio de Janeiro, e sobre a questão afirma com humor: “Nouvel derrubou o favoritismo de Frank Gehry, a quem Sirkis se opôs por temer que se erguesse um repolho desconstrutivista no Píer Mauá”.

Realmente impressiona um pouco ver no site de Alfredo Sirkis, uma página inteira sobre Jean Nouvel, incluindo referências ao projeto como da Torre Agbar, edifício de Nouvel inaugurou este ano em Barcelona, que é um projeto problemático, mal acabado e que será complicado na manutenção e conservação, tem uma escala gigantesca em uma cidade onde a construção que marca a paisagem é a Catedral Sagrada Família de Gaudí, a Torre Agbar tem um paisagismo pobre, e um térreo inóspito.⁹ O então secretário de urbanismo do Rio de Janeiro, envolvido com a proposta de trazer o Guggenheim para a sua cidade apóia enfaticamente Jean Nouvel, incluindo o projeto para o museu¹⁰, há também um comentário sobre uma exposição do arquiteto.

⁹ Em recente curso no Centro Cultural Maria Antônia, Hugo Segawa que havia acabado de visitar a obra, trouxe imagens e comentou dessa forma o projeto. (depoimento verbal)

¹⁰ Disponível na Internet: <<http://www2.sirkis.com.br/noticia.kmf?noticia=3779133&canal=264>>
Acesso em 31 dez 2006.

Este apoio lança dúvidas sobre a verdadeira intenção de políticos ao associarem sua imagem a megaprojetos, se pretendem faturar politicamente e passar a imagem de grandes empreendedores. Entretanto foi o secretário Sirkis que teve a lucidez de afastar do projeto para o Rio de Janeiro a fundação Brasil+500, que vendeu projetos e estudos de viabilidade para a implantação do Guggenheim para várias capitais de estados brasileiros: Recife, Salvador, Curitiba, por mais de um milhão de Reais cada estudo. Por outro lado toda essa polêmica sobre o Guggenheim no Brasil foi interessante também para o público perceber outros arquitetos de fora do País.

A seguir estão selecionados cinco trechos do artigo, que podem esclarecer do que trata a matéria.

Acervos e exposições parecem ter se transformado em artigo de segunda mão nesses tempos em que os museus são um alto negócio: suas instalações agora abrigam butiques, festas e guerras de egos.

O museu contemporâneo transformou-se em um local que serve ao mesmo tempo, para diversão pública, butique, meio publicitário de empresas que patrocinam exposições, ou para promover o turismo e estimular políticas de urbanização ou recuperação de determinadas regiões urbanas, escreveu o jornalista José Arbex Jr. em recém publicada tese de mestrado.

Esqueça a arquitetura, esqueça a arte também. Isso é show biz [...] o principal objetivo desses empreendimentos é chamar a atenção da mídia [...] Os empresários investem em empreendimentos caríssimos, arquiteturas 'vanguardistas', mas poucas pistas dão do que será pendurado nas paredes. (Hilton Kramer, crítico de arte americano).

"A espetacularização dos museus se coloca acima das discussões culturais, que são as que realmente importam. A inversão de valores é total."
(Maria Cecília França Loureiro, da comissão de patrimônio cultural da USP).

Arquitetura chocante, licenciamento de produtos, exposição na mídia são os ingredientes para uma boa receita de museu contemporâneo. A arte tem restado apenas a ser a cereja que decora o bolo.

A arquitetura nesta questão dos museus é fundamental, e também neste processo de tentar trazer o Guggenheim para o Brasil muito se falou sobre a sua localização: Recife, Salvador ou Rio de Janeiro, por fim escolheu-se uma cidade que faz parte do eixo mais bem servido culturalmente no País, diferentemente do caso Espanhol, onde ele foi financiado pelo poder político central da Espanha em Bilbao, justamente numa tentativa de pacificar um pouco o conturbado País Basco, e fazer renascer uma área industrial em decadência. É demagogia dizer, após sobrevoar de

helicóptero o Rio de Janeiro e perceber as graves deficiências da cidade que “O museu vai integrar as populações de maior e menor renda, esse é um dos objetivos do Guggenheim”.^x

No caso do Brasil havia sido escolhido o Rio de Janeiro, e por fim discutiu-se pouco sobre a arquitetura, apenas que alguns arquitetos como Frank Gehry e Jean Nouvel visitaram a cidade, para se ter uma noção de como o processo de escolha estava acontecendo, de forma obscura o próprio Frank Gehry, dois meses antes em visita à cidade disse ao em entrevista: “O senhor vai projetar o Guggenheim Rio? Resposta: Isso depende do Thomas Krens (presidente da Fundação Guggenheim). Ele me convidou para acompanhá-lo e não sei por quê”.^x

Pós-modernismo

Os primeiros pós-modernos.

São Paulo, 6 set. 2001, Folha de São Paulo.

Rodrigo Moura

Esta chamada para a exposição “Além dos preconceitos – A experiência dos anos 60” é um dos poucos, ou se não o único, registro do termo pós-moderno nos títulos de artigos dos jornais no período analisado. Foi uma exposição que reuniu trabalho de 21 autores de todo o mundo, e o artigo está incluído nesta seleção pela referência ao pós-modernismo, além de ter incluído dois artistas plásticos brasileiros. É importante salientar também a referência que o Rodrigo Moura faz ao Mario Pedrosa, que teria escrito em 1966: “Não há mais lugar (...) para a arte moderna, com suas exigências de qualidade e não ambigüidade. Uma arte pós-moderna inicia-se”. Revelando que o tema do pós-modernismo tem início anterior ao que se imaginava no Brasil, para quem leu Mario Pedrosa.

¹¹ NOUVEL, Jean. Entrevistado por THUSWOHL, M. **Folha de São Paulo**, 14 jan. 2001, p. C4.

¹² GEHRY, Frank. Entrevistado por CYPRIANO, F. **Folha de São Paulo**, 13 nov. 2000, p. E1.

Arquitetura da Destruição.

São Paulo, 9 dez. 2001, Folha de S. Paulo, Caderno Mais.
Maurício Santana Dias

Um dos principais teóricos da arquitetura em atividade o italiano Paolo Portoguesi discute em entrevista exclusiva o vazio deixado pelas torres gêmeas em Nova York, critica os projetos do norte-americano Frank Gehry e defende um retorno ao modelo das cidades antigas.

Este artigo é chave para entender a discussão sobre o pós-modernismo especificamente na arquitetura e a questão nos jornais.

Comentando a obra de Frank Gehry e a destruição das torres gêmeas Portoguesi faz uma relação entre a arquitetura explodida de Gehry e os escombros, e afirma que muita coisa da cultura americana recente seria uma “prefiguração” do “11 de setembro”, e continua afirmando numa crítica contundente, que a arquitetura deveria ocupar-se dos problemas do homem na cidade, que estaria vivendo um momento dramático, e ainda: “alguns se ocupam de coisas que nada tem a ver com esses problemas”.

O homem estaria prisioneiro da técnica, a técnica seria onipresente, “a auto-referencialidade da arquitetura atual é nefasta”, a produção atual da arquitetura estaria exprimindo qualquer coisa, eximindo-se de responsabilidade.

Para Portoguesi o pós-modernismo teria criado muitas perspectivas, mas fechou todas, a questão das condições específicas de cada lugar, do localismo, também se fechou. Alguns arquitetos italianos, como Rossi e Scarpa teriam a preocupação com a cidade e encontrado a humildade para resolver grandes problemas, mas agora voltou à moda a arrogância moderna “essa vontade de chocar e mudar o mundo com fogos de artifício”.

Segundo Roberto Segre, a partir dos anos 90 o pensamento de Paolo Portoguesi foi fortemente influenciado pela religiosidade após projetar mesquitas, posteriormente esta religiosidade desdobrou-se em outros interesses, como a questão do meio-ambiente. “Portoghesi interessou-se em aprofundar o relacionamento com a natureza como um diálogo essencial do homem, não só ecológico, mas também simbólico e metafórico”.^x

¹³ SEGRE, Roberto. Do pós-modernismo à geoarquitetura. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/debate/debate94.asp>> Acessado em 20 fev. 2007.

Sobre o pós-moderno na arquitetura (Portoguesi foi identificado como ideólogo do pós-modernismo), diz que o movimento foi desvirtualizado e vulgarizado, demonstrando superficialidade, perdeu-se o diálogo com o passado (que seria uma qualidade) e não há nenhuma preocupação como lugar.

Portoguesi afirma que na Itália desenvolveu-se um modernismo que não fez oposição à tradição, isto é, soube utilizar-se da tradição artesanal e de materiais tradicionais combinados com materiais modernos, que resultaram em uma arquitetura resistente. Sobre os jovens arquitetos italianos: “Infelizmente os jovens italianos, afetados por um complexo de inferioridade, preferem dar as costas a identidade italiana e aderir a vulgata da violência”.

Sobre as cidades Portoguesi tem a crença que movimentos críticos farão com que novas propostas apareçam dentro do próprio sistema onde estão inseridos. “Muitas vezes as cidades – especialmente agora com todos esses sistemas virtuais – tendem a distanciar os homens da Terra, a colocá-los em um espaço fictício. Mas será a própria Terra que afinal nos educará a novas práticas, já que a humanidade cresce num ritmo exponencial, criando com isso problemas cada vez mais graves”.

Crítica de arquitetura

E a arquitetura?

São Paulo, 8 fev. 2000, Folha de São Paulo.

Décio Pignatari

Décio Pignatari faz uma crítica severa à arquitetura brasileira, dizendo que os profissionais são empedernidos e não aceitam mudanças, enquanto a arquitetura modifica-se em todo o mundo, porém um dos pontos de interesse de sua opinião é justamente sobre a falta de crítica de arquitetura:

Há poucos anos em Buenos Aires houve um raro encontro de críticos de arquitetura de todo o mundo. Afora os relatos de praxe o Brasil não tinha nada a dizer no capítulo, por uma razão única: não há crítica de arquitetura no Brasil.

Pignatari segue explicando o porquê desta falta de crítica, neste aspecto a afirmação de que não haveria crítica de arquitetura porque essa prejudicaria o mercado não explica que mercado seria prejudicado.

Se o Brasil fosse lá...

São Paulo, 7 mar. 2001, Folha de São Paulo.

Fábio Cypriano

Weinfeld e Kogan fazem uma crítica às soluções brasileiras na arquitetura, além do aspecto debochado que configurou esta exposição é curiosa a crítica ácida da dupla, registrado nesta entrevista para Fábio Cypriano:

Há 30 anos apenas um arquiteto faz grandes obras públicas e, por isso, três gerações ficaram sem oportunidade de se expressar, e completa: De fato recentemente uma repórter da importante revista francesa L' Architecture Aujour d'hui esteve no Brasil em busca de novos arquitetos. Voltou com três nomes: Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi, e Paulo Mendes da Rocha. Sem dúvida todos representativos, mas que despontaram na década de 50.

As maquetes expostas fazem uma crítica a aspectos gerais das cidades brasileiras, como viadutos cruzando todo o espaço, templos evangélicos gigantes, os prédios residenciais em “estilo mediterrâneo”. Enfim é uma crítica generalizada a aspectos grotescos das obras públicas e residenciais privadas.

É preciso enforcar os arquitetos?

São Paulo, 21 abr. 2002. Folha de São Paulo.

Jorge Coli

Este texto saboroso do historiador de arte Jorge Coli está baseado em um livro e duas exposições. O livro *É preciso enforcar os arquitetos?* do jornalista e arquiteto francês Philippe Trétiack (Editora Seuil), e as exposições (no começo de 2001 em Paris) dedicadas aos arquitetos Jean Nouvel e Oscar Niemeyer.

O mote deste artigo é o suposto preconceito existente contra os arquitetos, o autor utiliza principalmente o texto de Trétiack que satiriza a megalomania de alguns projetos bem como interroga, “porque a arquitetura corrente no século 20, que entulha as cidades modernas, é tão infame”.

O comentário sobre as exposições de Jean Nouvel e Oscar Niemeyer não tem o propósito de se aprofundar, mas destaca a situação de que é muito difícil organizar exposições de arquitetura, como é sabido e constatado nas exposições da Bienal de Arquitetura de São Paulo. Por fim o pequeno texto termina de forma honrosa para os arquitetos:

A beleza que nos oferece a arquitetura, única na ordenação dos espaços, na larga escala de formas harmoniosas ou surpreendentes, é tão comovedora quanto frágil. Por sólidos que sejam seus materiais, muitas vezes ela desaparece, vítima das mudanças de usos e gostos, de necessidades e de interesses. Boa parte da história da arquitetura moderna encontra-se somente como lembrança, na imagem conservada em velhas fotografias.

Arquitetura X Imprensa

MIS é demolido para que um novo MIS nasça.

São Paulo, 01 fev. 2001, O Estado de S. Paulo, Caderno 2.
Jotabê Medeiros

Este artigo foi selecionado para mostrar que tipo de equívoco pode ocorrer quando se pretende informar sobre um projeto de obra, que apesar de pronto depende de principalmente de aprovação final de quem decide, e de liberação de verbas. Trata-se de um erro, ou uma “barriga” em jargão jornalístico, e a intenção de selecioná-lo foi para tentar entender porque ocorreu este erro.

Barriga em jornalismo, quer dizer publicar um fato falso, mas sem a intenção de enganar o leitor. Geralmente o erro cai no ridículo, fica circunscrito aos limites do vexame, mas há casos nos quais a barriga assume dimensões sérias.¹⁴

¹⁴ CAROS AMIGOS. **Bem-vinda barriga.** Disponível na Internet:
<http://carosamigos.terra.com.br/da_revista/edicoes/ed92/editorial.asp> Acessado em 29 dez 2006.

O mais notável nesta “barriga” é o título em matéria de uma página, se tivesse sido escolhido outro título, como por exemplo: MIS “será” demolido para que um novo MIS nasça, seria uma falha posteriormente justificável, afinal houve mudança de planos, faltou verba ao Estado (e qualidade à matéria de *O Estado de São Paulo*). É curioso ler em 2006 um jornal de 2001, dizendo que um museu é demolido, sendo que hoje ele está no mesmo lugar.

O artigo começa justificando o porquê da demolição, e o principal motivo é a defasagem tecnológica: “O MIS não oferece condições físicas para abrigar as novas tecnologias da área da informática.” Há necessidade de garagens subterrâneas, e não haveria como passar cabeamentos novos e fibra ótica.

Justificativa de outra espécie é a de que o museu teria se tornado labiríntico, e não comportaria muitos tipos de atividades, porque estaria muito compartimentado, com muitos corredores, e isto na realidade depende do tipo de museu que se quer montar, este ano Jean Nouvel inaugurou em Paris um museu de antropologia que é um imenso labirinto, propositalmente.

Talvez por estas justificativas inconsistentes o projeto tenha sido engavetado, e o museu posteriormente reformado, seria um grande investimento para o Estado. O artigo traz ainda alguns depoimentos: Hugo Segawa, Lúcio Gomes Machado, Renato Anelli e Carlos Lemos. Vamos destacar dois pontos

A arquitetura do prédio do MIS não é muito apreciada, não é uma obra marcante por suas soluções arquitetônicas, não tem uma qualidade intrínseca. Embora isso não seja tão importante, uma obra não se sustenta só por isso. (Hugo Segawa).

Para justificar uma demolição tem que dar a contrapartida, ter o projeto pronto e mostrar porque tem que demolir. (Carlos Lemos).

O Museu da Imagem e do Som, criado em 1970, até 1975 passou por vários endereços, quando se mudou para sua sede atual, na época um casarão semi-acabado. Houve muita polêmica, problemas de adaptação e aceitação por parte da vizinhança, que alegava que a construção com três andares descaracterizava o padrão de ocupação dos Jardins (Z1), com apenas dois pavimentos.

Provavelmente com um anteprojeto do museu pronto foram feitos os primeiros orçamentos e optou-se pela reforma. Aqui se vê uma particularidade da arquitetura, envolve verbas, algo mais que uma boa intenção que nem sempre traz

bons resultados. Um mais focado em arquitetura, logo perceberia que além de um bom projeto deve haver uma verba disponível para a execução, é notório que existe uma lista interminável de conhecidos bons projetos de arquitetura de interesse público, divulgados e nunca executados.

A possibilidade de criar um conjunto MIS/ MuBE com dois prédios em sintonia, com altura conforme com gabarito da legislação, e adaptado ao local é uma hipótese ideal, e talvez o jornalista, que escreve sobre vários assuntos, adiantou-se, entusiasmado com a possibilidade de um bom projeto, e com esta perspectiva de solução ideal, que seria perfeita se houvesse disponibilidade financeira e não pensou como o Professor Carlos Lemos: deve haver uma justificativa.

Arquitetura.

São Paulo, 2 abr. 2002, Folha de São Paulo.
Francisco Segnini Jr.

“É lamentável a forma com que a arquitetura tem sido tratada pela Folha.”
(Prof. Dr. Francisco Segnini Jr. FAUUSP – Dept. Tecnologia), em carta à *Folha de São Paulo* o professor enumera porque estariam maltratando a arquitetura em três artigos que foram publicados nos dias 26 e 27 de março de 2002, a carta:

É lamentável a forma com que a arquitetura tem sido tratada pela Folha.

1. Ao analisar, em 26/3, o novo projeto da Cohab (Cotidiano, pág.C1), o jornalista diz que a proposta arquitetônica terá 'luxos', como desenho arquitetônico diferenciado'. Será que por trás dessa pergunta não está uma visão de arquitetura do século 19, quando o arquiteto era visto como um decorador de fachadas? O papel do arquiteto mudou completamente nesses últimos 100 anos. O bom desenho, ou o bom projeto de arquitetura, procura o bem-estar do usuário e a melhoria das condições de vida. Fica nas entrelinhas que o bom projeto, entendido como artigo de luxo, só tem sentido caso a população a ser atendida seja de um nível social e econômico que tenha direito a esses 'luxos'.

2. Na reportagem 'Arquitetos fazem objeção ao projeto' (pág. C3), o discurso é ainda mais ideológico, pois se percebe que os arquitetos entrevistados não colocam objeções, e sim comentam o projeto, quase sempre em tese.

3. Em 27/3, no suplemento 'Qualidade Imobiliária', é interessante notar que o projeto de arquitetura somente aparece citado quando aparece a obra vencedora do prêmio em pauta. Mais interessante ainda foi verificar que o projeto vencedor é de qualidade bastante duvidosa diante do desenvolvimento da arquitetura nos dias atuais.

Francisco Segnini Jr., professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (São Paulo, SP).

O artigo em questão, a que se refere o Professor Segnini em sua carta protesto, foi publicado no caderno *Cidades*, é um tema cotidiano da cidade e por isso não foi selecionado entre os textos da pesquisa, apenas a carta do Prof. Segnini, pois trata do tema da relação do jornal com a arquitetura.

Realmente, analisando o primeiro artigo citado vê-se que ele começa com problemas, preconceituoso com os conjuntos habitacionais e seus moradores, e desinformado sobre o papel que o projeto de arquitetura pode desempenhar, então está selecionado e comentado trecho do artigo que o professor criticou veementemente, com o título: *Cohab de Marta será menor e mais 'luxuosa'*, o texto começa da seguinte maneira:

Os conjuntos habitacionais da gestão Marta Suplicy (PT) terão "luxos" como desenho arquitetônico diferenciado, localização centralizada, mini shopping e pista de cooper.

Depois o artigo assinado por Sérgio Duram se desenvolve normalmente, é informativo, esclarece aspectos da construção e não é politicamente tendencioso como aparenta no título, mas quem ler somente o título da matéria e o primeiro parágrafo fica com uma imagem distorcida do assunto, porque logo adiante ele informa vários aspectos positivos sobre o conjunto habitacional, que estava sendo construído na antiga favela do Gato, na região central de São Paulo.

Francisco Segnini Jr. também critica o segmento da reportagem que tem o subtítulo: "Arquitetos fazem objeção ao projeto", realmente o subtítulo, como também o título passa uma informação e o conteúdo outra. Foram entrevistados Sheila Ornstein, Ermínia Maricato e Nabil Bonduki, e tem razão quando diz que os arquitetos entrevistados não fazem objeções ao projeto e sim comentam em tese, pois apenas a Prof.^a S. Ornstein comenta que o formato "H" dos edifícios tem limitações ambientais, mas diz não ter visto os projetos, e o vereador Nabil Bonduki questiona que poderia ser debatido se o local é apropriado para o projeto. Enfim não há nenhuma objeção concreta e direta ao projeto como aparenta existir pelo subtítulo. O único questionamento que poderia ser feita às observações do Prof. Segnini é a de que o discurso do artigo é ideológico. O título do artigo, acompanhado do primeiro parágrafo não expressam corretamente o conteúdo e teor das entrevistas, isto é, o título pode ser interpretado como intencionalmente tendencioso principalmente levando em consideração que na maioria das vezes o

leitor lê apenas o título e o primeiro parágrafo, já na continuidade do texto da reportagem o conteúdo não é ideológico, está correto.

O terceiro caso citado pelo Professor Segnini é evidentemente parte de um material promocional do caderno de Imóveis do lançamento de um empreendimento, matérias deste tipo não tem nenhuma isenção para avaliar a qualidade de um projeto de arquitetura, é parte de uma estratégia de marketing a divulgação de uma premiação deste tipo. A matéria não tem nem um jornalista que a assina, diz apenas que é um trabalho free-lance, não há condições de julgá-la como qualidade de tratamento para a arquitetura por parte do jornal nestas condições, inclusive porque é um suplemento do jornal, chamado Qualidade Imobiliária. Estes suplementos são publicados evidentemente com a intenção de veicular material publicitário.

Temas afins

Os Intestinos expostos do Arte/Cidade.

São Paulo, 11 abr. 2002, O Estado de São Paulo. Caderno 2.
Aracy Amaral

Esta matéria, escrita pela professora Aracy Amaral é de interesse especial, particularmente pela forma como está exposta sua preocupação com a degradação urbana e com a indigência, problemas sociais notadamente visíveis em toda a cidade e também em áreas da zona leste da cidade de São Paulo, que passa por processo de deterioração e desemprego com a fuga das indústrias da região. A zona leste de São Paulo é o local de intervenção do projeto Arte/Cidade, e Aracy Amaral define o Arte/Cidade como o mais importante evento de artes plásticas na cidade de São Paulo, superando inclusive as Bienais na década de 90. O projeto justamente trabalhou com este tema, integrou as intervenções à cidade, e teve o mérito de discutir questões urbanas, enfim arte no espaço de convívio na cidade, não fechada em um museu.

Arte na medida de Gullar.

São Paulo, 7 dez. 2002, Folha de São Paulo, Ilustrada.

Cassiano Elek Machado

A vanguarda está morta e só falta enterrar.

Poeta questiona o conceitual e afirma que as boas obras não exercem função social.

Eu me meti na crítica de arte pela alegria que ela me dá desde garoto, descobri a pintura antes da poesia e lá em São Luis, onde nem havia pintura.

Esta entrevista se deu para divulgação de um livro de ensaios de Ferreira Gullar, *Relâmpagos*, escrito ao longo de 50 anos diz o autor: “São ensaios que ficam no mento do caminho entre a crítica e a poesia”.

Cassiano Machado, o entrevistador, descreveu a falta de modéstia do autor em seus comentários, o que é uma posição corajosa e correta, isenta, e assim trouxe informações importantes sobre o entrevistado.

São observações inteiramente originais as que reúno neste livro. Em alguns momentos você apreende coisas que há de essencial no artista – fala o ensaísta poeta, afastando a modéstia.

Ferreira Gullar que com ou sem modéstia reflete muito sobre o tema e há muito tempo, declara “a vanguarda se esgotou”, e esta seria a afirmação importante desta entrevista, seu ponto de vista é de que a arte deve ter emoção, não pode ser cerebral, e mesmo Duchamp dizia que sua intervenção não seria arte.

A seguir Gullar apesar de rever sua posição de que a arte deva ser engajada, se mostra idealista quando defende a valorização do local, seu abandono da arte engajada, como já visto no item 3.1 - A crítica de arquitetura e os temas contemporâneos. Esta entrevista é oportuna para compreender seu texto anterior, aqui ele explica que seu livro *Cultura Posta em Questão*, “é um livro de luta [...] desejo de fazer da arte instrumento de conscientização social. Era um erro”.

Acompanhe seu pensamento atual, neste interessante depoimento sobre culturas locais, localismo, tema correlato ao hibridismo de Nestor Garcia Canclini:

A globalização valoriza minha posição de valores que não são cosmopolitas, porque até para defender seu país, economicamente, você tem de valorizar o que é próprio dele, de sua literatura e arte. Valéry já dizia que não descobriu nada no mundo que não estivesse no seu quintal.

Vale notar que último dos quase cinquenta ensaios do livro *Relâmpagos é Casa da Flor*, uma casa em São Pedro da Aldeia RJ, feita por um trabalhador das salinas, Gabriel Joaquim dos Santos. Chamado de arquiteto “naif” pelo entrevistador, Gullar o considera “um artista no estado puro” [...] “e surpreso com sua própria habilidade, como os artistas da antiguidade acredita que foi guiado por Deus”.¹⁵

Trabalhando com cacos, restos de materiais, e produtos de reciclagem ele cria formas espontâneas com criatividade e fantasia.

É significativo que este seja o único ensaio apresentado por Ferreira Gullar em cinquenta anos tratando de uma obra que indiscutivelmente é arquitetura, informal, naif, mas arquitetura, após ter escrito em *Cultura Posta em Questão* sobre a deficiência da crítica de arquitetura no Brasil. Casa das Flores, “fica no meio do caminho entre o ensaio e a poesia” como diz Ferreira Gullar, mas é arquitetura.

Piano projeta catedral do ‘The New York Times’.

São Paulo, 24 dez. 2000, O Estado de S. Paulo, Caderno 2, Herbert Muschamp.

Um dos raros representantes da tradição humanista, o arquiteto italiano venceu um longo processo de seleção e terá a rara chance de fazer arquitetura onde ela é necessária.

Foi muito material de qualidade, e com muita informação, selecionado na pesquisa, mas este é um artigo especial porque descreve o processo de seleção de um projeto para seu próprio jornal por um conhecido crítico de arquitetura, portanto muito bem informado sobre o que estava ocorrendo, isto é, os trâmites do processo de escolha, e também carrega certa dose de emoção.

Um bom artigo sempre deveria trazer a atenção do leitor para o tema arquitetura, que apesar de presente na vida das pessoas e cidades é desconhecido, e de várias formas os jornais e revistas semanais poderiam ter colunas regulares sobre arquitetura e temas relacionados.

¹⁵ GULLAR, Ferreira. *Lightning*. 2003, p. 163.

Um tema bem desenvolvido por um bom crítico no caderno cultural do jornal pode aprofundar e trabalhar bem o assunto, trazendo o leitor para dentro da situação, este artigo do *The New York Times* no dia 24 de dezembro de 2000, foi um verdadeiro presente para os leitores do *O Estado de São Paulo*, que puderam acompanhar através de um brilhante texto do crítico de arquitetura Herbert Muschamp o processo de escolha do arquiteto e projeto para a nova sede do jornal. A qualidade deste depoimento é muito esclarecedora do tipo de cobertura que o jornal *The New York Times* faz da arquitetura. O autor Herbert Muschamp recentemente foi substituído por outro jornalista, que foi crítico de arquitetura do *Los Angeles Times*, Nicolai Ouroussoff.

À época o editor de cultura do jornal disse que Herbert Muschamp estava havia muito tempo na função: “Eu penso que ele foi um grande crítico por engajar muitas pessoas em um tema que elas nunca souberam que estivessem interessadas”.¹⁶ Este comentário mostra o papel que uma boa crítica de arquitetura, com presença constante em um grande jornal pode ter, engajando pessoas em um tema de interesse geral.

Infelizmente não foram muitos os artigos deste tipo traduzidos e publicados, no dia 17 fev. 2002, o jornal *O Estado de S. Paulo* fez outra matéria de uma página sobre Gaudí, é um emocionante depoimento de visita que o mesmo autor H Muschamp faz a Barcelona, a título de lançamento de uma biografia do arquiteto catalão (*Gaudí* de Gijs Van Hensbergen), muito bem ilustrado o artigo foi traduzido por Magno Dadonas: *Gaudí, a fantasia maior da arquitetura*.

Ainda sobre o processo de escolha de Renzo Piano para o projeto, e antes de artigo propriamente, vale destacar um pouco do que pensa o arquiteto sobre a construção de arranha-céus:

Torres, como sabemos, são símbolos de arrogância e poder, mas este não será nosso caso. O formato básico do edifício será simples e primário, similar ao xadrez de Manhattan. Será esbelto, e não usará vidros espelhados ou coloridos que dão às torres um ar misterioso ou de objetos herméticos.¹⁷

¹⁶ LANDMAN, Jonathan. Entrevistado por LUBELL, Sam. Disponível na internet: <<http://www.construction.com/NewsCenter/Headlines/AR/20040615t.asp>> Acesso em 1 jan. 2007.

¹⁷ PIANO, Renzo. **The new tower on Eight Avenue of The New York Times**. Trecho de entrevista, disponível na Internet: <http://www.thecityreview.com/trimestre.html> em 29 dez 2006.

É uma reportagem de uma página do *Caderno 2*, muito bem diagramada, com belas fotos e texto bem distribuído pela página. Há, entre outras, quatro fotos de maquetes do concurso com o seguinte subtítulo – Projetos para o arranha-céu que promete ser o mais importante construído na cidade desde 65 – As fotos das maquetes das várias propostas do concurso dizem muito sobre a concorrência entre os escritórios de arquitetura. Muschamp descreve que Renzo Piano foi selecionado entre vários arquitetos tais como Norman Foster, César Pelli, Frank Gehry e outros, e ao que parece a justificativa para sua escolha foi, evidentemente que além de seu elegante projeto, a humanidade do pensamento e trabalho de Renzo Piano. A empresa *New York Times Co.* não queria um arranha-céu arrogante, queria um projeto que fosse um marco para a arquitetura da cidade. “A meta do processo de seleção foi escolher um arquiteto não um projeto”.

Sem dúvida é um projeto que gera expectativas, e ainda para o autor, à época funcionário do próprio jornal, e que presenciou o processo de escolha, este declara, num belo depoimento em que reflete até sobre o papel da crítica de arquitetura. Estão selecionados dois trechos do artigo:

A dimensão prática da arquitetura é uma das coisas que faz com que seja interessante escrever sobre ela, mas não faltam defensores manifestos dos aspectos práticos. A dimensão metafórica é mais difícil de ser captada, especialmente em Nova York que tem visto tão pouca arquitetura fruto de reflexão e ponderação nos últimos anos.

É aí que um crítico pode ser útil. O nível simbólico é onde a própria arquitetura se insere. Quando isso acontece, o uso do terreno eleva-se acima do nível da especulação imobiliária. Os prédios fazem jus ao espaço que ocupam em outros termos que não os econômicos [...] Mais importante, a tarefa deles (críticos) é insistir que esses termos, embora não quantificáveis, sejam tão substanciais quanto os materiais dos quais são feitos os edifícios e o dinheiro que custa para construí-los.

Herbert Muschamp segue descrevendo alguns detalhes que envolveram a escolha do arquiteto e projeto, e ainda faz algumas interessantes observações:

Na verdade, a própria arquitetura está sempre em terreno movediço. Os arquitetos tentam captar idéias que estão flutuando na atmosfera cultural. A principal delas talvez seja a relação em evolução do indivíduo com a comunidade em uma democracia moderna. Não há nada inerentemente estável nessa relação ou nos processos que arquitetos e clientes usam para articulá-la em um espaço urbano.

E segue descrevendo vários aspectos da situação local, de que forma um projeto poderia ser inserido no local e contribuir com o entorno, e de como o projeto

teria conseguido, segundo a visão de Muschamp, adaptar-se e ainda contribuir com o caótico entorno. Ainda são feitas várias observações sobre a maneira de pensar e características do trabalho de Reno Piano.

O mais significativo neste artigo traduzido é a oportunidade de ver como um crítico de arquitetura, muito especializado e focado, relata o processo de escolha de um projeto e do arquiteto para a própria empresa, diz que apenas acompanhou todo o processo, que esteve isento de qualquer decisão, e que esta é uma política interna do jornal, todos os seus críticos devem manter-se distante de qualquer espécie de julgamento em concursos, para haver total independência do conteúdo jornalístico. Ainda não se sabe se o edifício será mesmo tão significativo assim para a cidade e nem qual a sua aceitação, as obras estão em estado avançado, e só após a inauguração e a conseqüente repercussão haverá a possibilidade de se fazer um julgamento conclusivo, tanto da obra quanto de todo o processo de escolha.

Conclusão

Tanto na abordagem da arquitetura como cultura e arte como utilidade pública existem carências e deficiências no que se refere aos textos publicados sobre arquitetura nos jornais de São Paulo, tomados como amostra no período determinado. Este fato não ocorre por falhas na direção das empresas de comunicação ou por incompetência profissional de jornalistas, muito pelo contrário, no geral há uma sincera boa vontade por parte de todos em relação ao tema, e em muitos casos há até muito interesse. A falha tem mais um caráter cultural e de costumes, não só por procedimentos e sistemas de trabalho dos jornais, mas também determinado por falta de interesse do público leitor, que não foi despertado para os temas, no período houve uma publicação com regularidade esparsa e desencontrada de vários tipos de matérias e artigos, escritos por diversos jornalistas, alguns com maior frequência, mas nenhum deles especializado em arquitetura.

Aspectos da interação entre o público e a arquitetura poderiam ser incrementados buscando uma maneira de trazer o público para um debate e despertar o interesse sobre o tema. Várias questões não apenas da crítica de arquitetura, com o tratamento cultural do tema, também aspectos da arquitetura enquanto utilidade pública, todos têm uma cobertura vaga pelos jornais, sem frequência, sem método, são reportagens e artigos que dificilmente são aprofundados, e como consequência não despertam o interesse, não esclarecem o leitor. As cidades brasileiras têm um patrimônio construído maltratado e ignorado pela população que não está ciente de que a melhoria e conservação deste patrimônio dependem de conscientização e organização, coisas que obviamente melhoram com um maior grau de informação. Uma cidade de serviços precisa estar preparada para receber gente de todas as partes, bem como ser mais eficiente, e questões urbanas estão no cerne desta situação, e certamente há influência da quantidade e qualidade da informação que sua população tem acesso.

Evidentemente a informação nos jornais tem a capacidade de se aprofundar mais do que no rádio e na TV, e a leitura do jornal é seletiva, porque o leitor escolhe o que quer ler, e pode focar e se aprofundar nos assuntos de seu

interesse, portanto o jornal sempre terá seu público leitor, e no que tange a arquitetura, apenas recentemente surgiu um autor com trabalho específico. Agora há um colunista de arquitetura especializado na *Ilustrada da Folha de São Paulo*, mostrando que pode haver o desenvolvimento de uma crítica e jornalismo especializado em arquitetura também aqui no Brasil, para a imprensa de maior circulação, e para o público geral. Ainda não há intensa participação deste tipo de texto especializado, como poderíamos e deveríamos ter, esta é uma questão própria do desenvolvimento social e cultural do País, pois na verdade o leitor é quem escolhe, e pesquisas são feitas para saber qual é a demanda, e também assim será definido o que vai ser escrito.

Um crítico de arquitetura tem que ser diferenciado, a começar que realmente também deve considerar, como nas artes plásticas, a questão estética, mas deve incluir as implicações sócio-econômicas da arquitetura enquanto empreendimento humano, diferentemente da escultura ou da pintura, a arquitetura tem esse caráter utilitário muito forte que a torna singular. Deve considerar o local, o que num País extenso é significativo. Precisa conhecer bem o atual estágio do desenvolvimento técnico da construção, quem são, e as características de trabalho de arquitetos; as pressões do mercado, a demanda por habitação e mais uma infinidade de tópicos, e mais, estar consciente dos debates teóricos contemporâneos e históricos que envolvem e que envolveram a arquitetura enquanto manifestação artística e cultural.

Um debate aberto, e acessível, em um tema tão árido, difícil ao senso comum como a arquitetura (a maioria da população não distingue um engenheiro de um arquiteto), é imprescindível como instrumental para busca de soluções, no cenário atual, bem como uma análise sobre a arquitetura, bem desenvolvida, com regularidade e conhecimento de causa, pode trazer um interesse renovado sobre o tema. É provável que esta carência específica se repita em outras áreas dentro do jornalismo cultural, isto é, esta lacuna de informações pode não ser exclusiva para temas de arquitetura, de qualquer forma ela existe, se não pela carência de informação, certamente pela falta de freqüência, sistematicidade e profundidade de tratamento. Entretanto é possível e provável que haja uma maior demanda por informações e que esta demanda esteja crescendo, para atender um público que com o aumento do nível educacional, e da renda, vai procurar mais informações.

Bibliografia

Referências bibliográficas

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo, Cosac & Naify, 1999.

COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. 2ª ed. São Paulo, Perspectiva, 1998.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

GULLAR, Ferreira. **Lightning**. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo, Loyola, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. **Estética da favela**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp078.asp>. Acesso em 22 ago. 2005.

JAMESON, Fredric. **Espaço e imagem**. 3. ed. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2004.

LANDMAN, Jonathan. Entrevistado por LUBELL, Sam. Disponível na internet: <http://www.construction.com/NewsCenter/Headlines/AR/20040615t.asp> Acesso em 1 jan. 2007.

MONTANER, Josep Maria. **A Modernidade Superada**. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro, Forense 1969.

NOUVEL, Jean. Entrevistado por THUSWOHL, M. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2001.

GEHRY, Frank. Entrevistado por CYPRIANO, F. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 nov. 2000.

OLIVEIRA, João Emanuel Evangelista. **Política e Cultura Pós-Moderna**: um estudo dos cadernos culturais do Jornal Folha de São Paulo. 2000. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

PIANO, Renzo. **The new tower on Eight Avenue of The New York Times**. Trecho de entrevista, disponível na Internet: <<http://www.the-cityreview.com/trimestre.html>> em 29 dez 2006.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo, Contexto, 2004.

RAMOS, André de Carvalho. Ação Civil Pública da Procuradoria da República, disponível em:
<http://www.anpr.org.br/boletim/boletim45/andre.htm>, em 16.01.2007.

SILVA, Wilsa C Freire. **Cultura em pauta**: um estudo sobre jornalismo cultural. 1996. 163 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

STROETER, João Carlos Rodolpho. **Arquitetura: imagens, reflexos**. 1989. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

WOLFE, Tom. **Da Bauhaus ao nosso caos**. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

XAVIER, Alberto, org. **Arquitetura moderna brasileira**: depoimento de uma geração. São Paulo, Pini, 1987.

ZEIN, Ruth Verde, **O lugar da crítica**, ensaios oportunos de arquitetura. Porto Alegre, Ritter dos Reis, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

Referências - artigos de jornal

AMARAL, Aracy. Os Intestinos expostos do Arte/Cidade. **O Estado de São Paulo**. Caderno 2, p. D6, São Paulo, 11 abr. 2002.

CHAGAS, Tonica; MEDEIROS, Jotabê. Guggenheim de NY mostra reinvenções de Gehry. **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, p. D1 e D6, São Paulo, 15 ago. 2001.

CYPRIANO, Fábio. Se o Brasil fosse lá... **Folha de São Paulo**, p. E1, São Paulo, 7 mar. 2001.

COELHO Teixeira. Argan combate a arte que se exclui do mundo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno 2, 26 nov. 2000.

COLI, Jorge. É preciso enforçar os arquitetos? **Folha de São Paulo**, p. 23, São Paulo, 21 abr. 2001.

DIAS, Maurício Santana. Arquitetura da Destruição. **Folha de São Paulo**, Caderno Mais, São Paulo, 9 dez. 2001.

FIORAVANTE, Celso. Álvaro Siza vem projetar a nova casa de Iberê Camargo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Ilustrada, p. 5-1, 11 mar. 2000.

FOGAÇA, Elenita. Questão de estilo. 'Popularizado', neoclássico sai de moda no alto padrão. **Folha de São Paulo**, Caderno Construção, p. 1 a 2, São Paulo, 28 jul. 2002.

FOGAÇA, Elenita. Arquitetura do País utiliza modelo do exterior. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno de Imóveis, p. C11, 10 set. 2000.

GRINBAUM, Ricardo. Reino Unido transforma-se em canteiro para a cultura. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, p. E13, São Paulo, 21 jul. 2000.

LEITE NETO, Alcino. Favelas&controvérsias. Polêmico pavilhão brasileiro na 8ª Mostra de Arquitetura é inaugurado hoje na Itália. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, p. E13, São Paulo, 6 set. 2002.

LOPES, Marcos R.; MEDEIROS, Fernanda. Mistura de estilos marca arquitetura de SP. **O Estado de São Paulo**, Caderno Construção, p. 1, São Paulo, 21 jan. 2001.

MEDEIROS, Jotabê. Arquiteto é apenas testemunha, diz Mario Botta. **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, p. D13, São Paulo, 10 jun. 2000.

U.B. Esqueça tudo o que você já sabia sobre museus. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno 2, p. D1, 22 nov. 2000.

MACHADO, Cassiano Elek. Arte na medida de Gullar. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustrada, p. E1, E3 e E4, 7 dez. 2002.

MACHADO, Cassiano Elek. Museus estão virando shoppings, diz Siza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustrada, p. E3, 3 jun. 2002.

MEDEIROS, Jotabê. "Tate Modern, entre a invenção e a opulência". **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Caderno 2, p. D10, 17 set. 2000.

MEDEIROS, Jotabê. MIS é demolido para que um novo MIS nasça. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 01 fev. 2001.

MOURA, Rodrigo. Estudo flagra arquitetura das "quebradas" de Hélio Oiticica. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 20 dez. 2001.

MOURA, Rodrigo. Os primeiros pós-modernos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 set. 2001.

MUSCHAMP, Herbert. Gaudí, a fantasia maior da arquitetura. **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, p. D14, São Paulo, 17 fev. 2002.

MUSCHAMP, Herbert. Piano projeta catedral do 'The New York Times'. **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, p. D18, São Paulo, 24 dez. 2000.

NIGRI, André. Os museus viram peças de museu. **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. C1, 21 jan. 2002.

PIGNATARI, Décio. E a arquitetura? **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 fev. 2000.

SALVI, Ana Elena. A arquitetura invoca os deuses. **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. 5D, 23 dez. 2000.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. Mostra conta a história da edificação do século 20. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 set. 2000, Caderno 2, p. D11.

SEGNINI JR., Francisco. Arquitetura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 abr. 2002. p A3.

WEISS, Ana. et al. A Ética na Arquitetura - Com o tema Cidade: Menos Estética mais Ética, começa no domingo para o público a 7ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 jun. 2000. Caderno 2, pg. D2 a D5.

WEISS, Ana. Livro documenta a reconstrução do Oficina. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 20 jan. 2000. Caderno 2, p. D9.

Bibliografia consultada

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 3. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1982.

ARGAN, Giulio Carlo. **Projeto e Destino**. São Paulo, Ática, 2000.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

BENEVOLO, Leonardo. **O Último Capítulo da arquitetura moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo, Edusp, 2003.

FEATHERSTONE, Mike. **O Desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo, Studio Nobel, 1997.

FIORI ARANTES, Otília B. **Mário Pedrosa: itinerário crítico**. São Paulo, Scritta, 1991.

FRANPTON, Keneth. **História crítica da arquitetura moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

GLUSBERG, Jorge. **Hacia una crítica de la arquitectura**. Buenos Aires, Espacio, 1980.

GULLAR, Ferreira, org. **Arte brasileira hoje**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis, Vozes, 2002.

LEFÉBVRE, Henri. **A vida quotidiana no mundo moderno**. Lisboa, Ulisséia, 1969.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.

MACUL, Márcia Simão. **Arquitetura em prosa**: uma aproximação ao objeto referencial. São Paulo, 2000. 264p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo, Cultrix, 1979.

PEREIRA, Miguel Alves. **Arquitetura, texto e contexto**: o discurso de Oscar Niemeyer. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1977.

PORTOGUESI, **Depois da arquitetura moderna**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo, Edusp, 1999.

STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura & Teorias**. São Paulo, Nobel, 1986.

Apêndices

Tabulação de todos os 140 artigos e reportagens pesquisados, em tabelas referentes aos anos:

2000	(47 registros)	p. 82 e 83
2001	(42 registros)	p. 84 e 85
2002	(51 registros)	p. 86 e 87

ESP - O Estado de São Paulo, FSP - Folha de São Paulo, JT - Jornal da Tarde

Tabela com artigos selecionados do ano 2000

	Data	Título	Autoria	pg.	Editoria	Tema	Subtítulo/ (+observações)
1	9/1/00	ESP Por uma cidade mais funcional e menos desigual	Jordi Borja (especial)	D12	Caderno 2	urbanismo	- Artigos da série sobre caminhos da arquitetura discute perigos da globalização em SP - Documentário do diretor Aurélio Michiles sobre 500 anos de arquitetura no Brasil.
2	16/1/00	ESP Cultura revê 500 anos de arquitetura	Eduardo Elias	T7	Caderno 2	documentário (TV)	(com entrevistas de O. Niemeyer e Paulo M. da Rocha)
3	20/1/00	ESP Livro documenta a reconstrução do Oficina	Ana Weiss	D9	Caderno 2	livro	- Publicação reúne textos, desenhos e fotografias que narram o sonho do teatro público. - O arquiteto e urbanista Jorge Wilhelm avalia a 4ª Bienal dentro da série sobre caminhos da arquitetura e se detém no predomínio do privado sobre o público na atual produção arquitetônica.
4	30/1/00	ESP A questão dos espaços públicos e privados	Jorge Wilhelm (esp)	D9	Caderno 2	4ª Bienal	
5	30/1/00	FSP Entre curvas e retas	Oscar Niemeyer	1-3	Opinião	atuação profissional	(Niemeyer fala sobre atuação profissional e sobre outros arquitetos)
6	5/2/00	FSP Mesmo sem querer, Lelé sai do casulo	Mara Gama	5-10	Ilustrada	Bienal de Veneza	- Após livro e sala na Bienal de SP, que acaba amanhã, João Filgueiras Lima será visto em Veneza.
7	6/2/00	ESP É hora de reavaliar o lugar do Brasil no design	Clifford Pearson (esp)	D9	Caderno 2	arquit. brasileira	- Editor da 'Architectural Record' analisa a Bienal na série sobre caminhos da arquitetura.
8	8/2/00	ESP Estudantes fazem projetos para Mogi das Cruzes	Marcus Lopes	C8	Cidades	urbanismo	- Propostas serão apresentadas esta semana em seminário em Hong Kong.
9	8/2/00	FSP E a arquitetura?	Décio Pignatari	1-3	Opinião	crítica	(sobre a crítica da arquitetura)
10	28/2/00	FSP SP ganha "oca mais bonita do mundo"	Cassiano Elek Machado	6-3	Ilustrada	Oca	- Reabre hoje, no Ibirapuera, o pavilhão Lucas Nogueira Garcez, projeto de Niemeyer inaugurado em 54.
11	8/3/00	FSP Mendes da Rocha, em alta, vai a Veneza	Ledusha Spinardi	5-9	Ilustrada	Bienal de Veneza	- "O corpo é a razão da arquitetura". Arquiteto fala da ética e da cidade no futuro.
12	11/3/00	FSP Alvaro Siza vem projetar nova casa de Iberê Camargo	Celso Fioravante	5-1	Ilustrada	Álvaro Siza Intercâmbio	- Arquiteto português chega em abril para mostrar projeto para a fundação do pintor gaúcho. - Intercâmbio arquitetônico. Protecionismo divide arquitetos brasileiros.
13	18/3/00	ESP Obra conta história da fábrica que produz prazer	Jotabê Medeiros	D12	Caderno 2	livro	- O livro 'Cidadela da Liberdade' traz fotos, desenhos e textos sobre o Sesc Pompéia. - O arquiteto, um dos responsáveis pelo perfil urbano do Rio e autor dos projetos do MAM e do Aterro do Flamengo, é o tema de publicação que será lançada hoje.
14	23/3/00	ESP A arte revolucionária de Reidy em mostra e livro	Beatriz Coelho Silva	D9	Caderno 2	livro	- O crítico de arte, cujo centenário de nascimento será comemorado no próximo dia 25, procurou a síntese entre a construção brasileira e o passo universalizante dessa elaboração.
15	16/4/00	FSP Atualidade de Mário Pedrosa	Otília Beatriz Fiori Arantes	1	Mais	crítica	
16	16/5/00	ESP Siza começa em 2001 projeto no Sul	Ayrton Centeno	D4	Caderno 2	Alvaro Siza	- Arquiteto português assina construção da sede da Fundação Iberê Camargo
17	20/5/00	ESP A arquitetura generosa de João Filgueras Lima	Maria Hirszman	D11	Caderno 2	prêmio Estadão Cultura	- Lelé considera-se um generalista e tem uma carreira marcada por obras de caráter público.
18	28/5/00	FSP Fascismo e arquitetura	Jorge Coli (especial)	25	Mais	livro	(livro:"Arquitetura italiana no Brasil - a obra de Marcello Piacentini")
19	10/6/00	ESP Arquiteto é apenas testemunha, diz Mário Botta	Jotabê Medeiros	D13	Caderno 2	entrevista Mario Botta	(sobre palestra de Mario Botta no Brasil)
20	12/6/00	FSP Veneza olha a cidade do terceiro milênio	Celso Fioravante	E1	Ilustrada	Bienal de Veneza	- Bienal de Arquitetura, que começa no sábado, discutirá o compromisso ético com o ambiente.
21	15/6/00	ESP A ética na arquitetura	vários (esp. Bienal Veneza)	D2-5	Caderno 2	Bienal de Veneza	- Com o tema: 'Cidade: Menos Estética, Mais Ética', começa no domingo para o público a 7ª Mostra Internacional de Arquitetura da Bienal de Veneza.
22	17/6/00	ESP Reconstrução é preocupação maior de arquitetura	Jotabê Medeiros	D3	Caderno 2	Bienal de Veneza	- Trabalhos da Bienal de Arquitetura de Veneza mostram caminhos para o futuro.
23	17/6/00	FSP Veneza fragmenta arquitetura	Celso Fioravante	E1-7	Ilustrada	Bienal de Veneza	- Mendes da Rocha apresenta projetos ligados à água.
24	19/6/00	ESP Jean Nouvel leva Leão de Ouro em Veneza	Jotabê Medeiros	D5	Caderno 2	Bienal de Veneza	- Renzo Piano, Jorn Utson e Paolo Soleri também foram premiados na Bienal de Arquitetura.
25	1/7/00	ESP Pinacoteca recebe prêmio internacional	Maria Hirszman	A20	Geral	premiação	- Projeto de reforma vence a segunda edição do Mies van der Rohe para a América Latina.
26	8/7/00	ESP Rino Levi fez a cidade de SP olhar para cima	Jotabê Medeiros	D7	Caderno 2	livro	- Editora prepara livro sobre o pioneiro da arquitetura na primeira metade do século.
27	20/7/00	ESP Símbolo da arquitetura fascista está à venda	Alessandra Stanley (NY Times)	C8	Cidades	patrimônio Itália	- Complexo esportivo dos anos 30, o Foro Itálico, pode servir para abater dívidas do governo.
28	21/7/00	FSP Reino Unido transforma-se em canteiro de obras para a cultura	Ricardo Gribaum	E13	Ilustrada	obras Reino Unido	- País diz investir mais que a França e a Alemanha.

Tabela com artigos selecionados do ano 2000 (continuação)

	Data	Título	Autoria	pg.	Editoria	Tema	Subtítulo/ (+observações)	
29	1/8/00	FSP	Novos templos da arte	Celso Fioravante	E1	Ilustrada	museus	- NY planeja mais um Guggenheim e ampliação do MoMA; British Museum e Tate também crescem.
30	12/8/00	FSP	Historiografia da arquitetura	Abílio Guerra	8	Jornal de Resenhas	livros	(sobre o lançamento dos livros 'Affonso Eduardo Reidy', 'João Filgueiras Lima, Lelé', 'Arquitetura Moderna no Brasil')
31	15/8/00	FSP	Projeto de Renzo Piano afunda no Japão	Lola Galán (El País)	E3	Ilustrada	Renzo Piano aeroporto no Japão	- Técnicos questionam construção do aeroporto de Osaka.
32	20/8/00	FSP	Mensagem	Oscar Niemeyer	A3	Opinião	atuação profissional	Niemeyer fala sobre vários assuntos
33	24/8/00	FSP	Arquitetura do futuro	Daniela Falcão	10-12	Folha Equilíbrio	materiais sustentáveis	- Casa do futuro usa técnicas do passado.
34	26/8/00	ESP	A arquitetura humanista de Mendes da Rocha	Maria Hirszman	D9	Caderno 2	livro	- Editora Cosac & Naify lança hoje na Pinacoteca do Estado uma monografia na qual estão reunidos os principais projetos realizados em mais de quatro décadas pelo renomado arquiteto brasileiro.
35	26/8/00	FSP	"Memória" de Mendes da Rocha ganha corpo	Fernanda Cirenza	E5	Ilustrada	livro	hoje.
36	30/8/00	FSP	Niemeyer projeta novas obras em Brasília	free-lance para a folha	C13	Cotidiano	projetos - Brasília	- Governo do Distrito Federal quer recursos para construção de um centro cultural na Esplanada dos Ministérios.
37	10/9/00	ESP	Arquitetura do país utiliza modelo do exterior	Elenita Fogaça	C11	Cotidiano	estilos	- Novos empreendimentos apresentam estilos americanos e europeus, mas com quarto de empregada e terraço.
38	17/9/00	ESP	Tate Modern, entre a invenção e a opulência	Jotabê Medeiros	D10	Caderno 2	museu	- Museu de arte moderna inaugurado em maio ajuda a revitalizar a área urbana de Londres.
39	24/9/00	ESP	Mostra conta a história da edificação do século 20 (esp)	Maria Cecília Loschiavo dos Santos	D11	Caderno 2	mostra de arquitetura	- Exposição ocupa, até hoje, o Geffen Contemporary em Los Angeles.
40	1/10/00	FSP	Arquitetura contra a catastrofe	Giulio Carlo Argan	30	Mais	livro	(trecho de "Projeto e Destino" de Argan que discute as concepções urbanísticas de Le Corbusier e Gropius)
41	14/10/00	FSP	Arquitetura fascista	Renato L S Anelli (prof. USP)	9	Jornal de Resenhas	livro	(resenha do livro "Arquitetura Italiana no Brasil - A Obra de Marcello Piacentini" de Marcos Tognon)
42	14/10/00	FSP	Palavras edificadas	Fernanda Cirenza	E1	Ilustrada	livro	- Filha de Lucio Costa projeta memórias do pai.
43	13/11/00	FSP	Arquiteto deseja fazer projeto de museu no Brasil	Fábio Cypriano	E1	Ilustrada	Frank Gehry	- Responsável pelo prédio do Guggenheim em Bilbao diz que interesse da fundação pelo Brasil é importante para o intercâmbio artístico entre América Latina e os EUA.
44	22/11/00	ESP	Esqueça tudo o que você já sabia sobre museus	U.B.	D1	Caderno 2	museografia	- Ralph Appelbaum mudou o conceito de museologia e a forma de organizar exposições.
45	26/11/00	ESP	Argan combate a arte que se exclui do mundo	esp -Teixeira Coelho (prof. ECA USP)	D11	Caderno 2	livro	- Coletânea 'Projeto e Destino' reflete a riqueza da reflexão do historiador italiano.
46	23/12/00	JT	A arquitetura invoca os deuses	Ana Elena Salvi (esp. - prof. FAUS)	5D	Variedades	livro	- Chega ao Brasil, 35 anos depois de seu lançamento, a tradução de Projeto e Destino, principal obra de Giulio Carlo Argan, um dos maiores historiadores de arte de nosso século.
47	24/12/00	ESP	Piano projeta a catedral do "The New York Times"	Herbert Muschamp (NY Times)	D18	Caderno 2	Renzo Piano proj. New York Times	- Um dos raros representantes da tradição humanista, o arquiteto italiano venceu um longo processo de seleção e terá a rara chance de fazer arquitetura onde ela é necessária

Tabela com artigos selecionados do ano 2001

	Data	Título	Autoria	pg.	Editoria Assunto	Subtítulo/ (+observações)
1	21/1/01	ESP Mistura de estilos marca arquitetura de SP	Fernanda Medeiros e Marcos Lopes	CC1	estilos Cidades São Paulo	- Segundo especialistas, construções da capital não obedecem a nenhum padrão ou escola
2	1/2/01	ESP MIS é demolido para que um novo MIS nasça	Jotabê Medeiros	D1	Caderno 2 espaço cultural	- Prédio erguido em 1975 será derrubado em agosto; reconstrução vai custar R\$ 5 milhões. (noticiada, em matéria de uma página uma demolição que não ocorreu)
3	11/2/01	ESP Lloyd Wright e Starck ganham livro de bolso	Ana Weiss	D10	Caderno 2 livro	- Publicações dão início à série de lançamentos sobre o tema da Editora Cosac & Naify.
4	26/2/01	ESP Arquitetos propões avenida Paulista múltipla	José Gonçalves Neto	C6	Cidades urbanismo	- 20 alunos de pós-graduação do Mackenzie mostram 5 projetos para resgatar via.
5	26/2/01	JT Arquitetos riem das 'grandes idéias' de SP	Deborah Bresser	10C	Variedades mostra	("Umöre and Architektur", mostra de Isay Weinfeld e Márcio Kogan)
6	28/2/01	FSP Gente no lugar de carros	Gilberto Dimenstein	C2	Cotidiano espaço público	(sobre praça em São Paulo projetada por Paulo Mendes da Rocha)
7	2/3/01	ESP Aarte dura e seca do homem do sertão	M. H.	D22	Caderno 2 livro	- Exposição e livro revelam interesse de Lina Bo Bardi pela cultura popular do País.
8	7/3/01	FSP Se o Brasil fosse lá...	Fábio Cypriano	E1	Ilustrada mostra	- Weinfeld e Kogan abrem mostra que explica o jeitinho brasileiro na arquitetura
9	9/3/01	ESP Idéias para o centro	Mauro Mug	C6	Cidades São Paulo - Centro	- Para o IAB, planos mostram a melhor maneira de recuperar a região
10	10/3/01	FSP Rio tira Brasil+500 do projeto Guggenheim	Fábio Cypriano	E3	Ilustrada Guggenheim	Recife, Salvador e Curitiba, as outras cidades envolvidas, mantêm entidade como intermediária nas negociações
11	21/4/01	ESP Palavras mais que oportunas de Lúcio Costa	Régis Bonvincino	D7	Caderno 2 livro	- Livro organizado por sua filha reaviva um dos raros pensadores brasileiros do século 20.
12	30/5/01	FSP Crítica e preconceito	Mário Cesar Carvalho	E1	Ilustrada exposição	- Artistas atacam instalações de arquitetos na mostra dos 50 anos da Bienal; reação é conservadora rebate o presidente da fundação.
13	17/6/01	ESP A arquitetura como ponta do iceberg	Moacir Amâncio	D11	Caderno 2 Renzo Piano	- Para o arquiteto italiano Renzo Piano, o mais importante está nas implicações da obra. (projeto para a nova sede do NY Times)
14	18/6/01	ESP Casa de Vidro de Lina Bardi será centro cultural	Jotabê Medeiros	D1	Caderno 2 Lina Bo Bardi	- A partir do ano que vem, mansão modernista do Morumbi estará aberta à visitação pública.
15	26/6/01	FSP MAC	Eduardo Subiratis	E3	concurso Ilustrada MAC USP	- O suíço Tschumi e o japonês Arata participam da disputa.
16	2/7/01	FSP Concorrência para novo MAC é contestada	Fábio Cypriano	E5	concurso Ilustrada MAC USP	- Instituto de Arquitetos do Brasil diz que Associação dos Amigos do museu da USP burla a lei de licitações.
17	9/7/01	ESP Um arquiteto contra a anestesia paulistana	Daniel Piza	C1	Cidades Isay Weinfeld	- Para Isay Weinfeld horror da cidade torna morador indiferente à situação de São Paulo.
18	9/7/01	ESP Casa ecológica reduz consumo de energia	Roberta Pennaforte	A7	construção	- Equipe da UFRJ vai construir habitação usando produtos que não agredem a natureza.
19	11/8/01	FSP Nossa arquitetura	Carlos A. Leite Brandão -prof. UFMG (esp)	E4	Jornal de Resenhas livro	(resenha - publicação do guia de arquitetura 1928-1960 "Quando o Brasil era moderno" de Lauro Cavalcanti, editora Aeroplano)
20	15/8/01	ESP Guggenheim de NY mostra reinvenções de Gehry	Tonica Chagas	D1-6	Caderno 2 Frank Gehry	(exposição do trabalho de Frank Gehry no Guggenheim de NY, matéria de duas páginas, opniões contra e a favor)
21	1/9/01	ESP No Rio, prédio do MAC atrai mais que acervo	Beatriz Coelho Silva	C10	MAC Cidades Niterói	- Encravada na Baía de Guanabara, obra de Oscar Niemeyer é a estrela de Niterói.
22	6/9/01	FSP Os primeiros pós-modernos	Rodrigo Moura	E8	Ilustrada artes plásticas	- Mostra no Rio traz produção dos anos 60, com 21 inventores da arte contemporânea.
23	8/9/01	FSP Bernard Tschumi fará nova sede do MAC	Fábio Cypriano	E10	concurso Ilustrada MAC USP	- Projeto vencedor do arquiteto suíço prevê uma construção vertical que valorize a relação entre arte e cidade.
24	11/9/01	ESP O pensamento de Mies van der Rohe	Maria Cecília Loschiavo dos Santos (esp.)	D7	Caderno 2 mostra	- Instituto questiona a concorrência.
25	15/9/01	FSP Um dia de terror	Fábio Cypriano	E10	Ilustrada livro	- Mostra nos EUA tratam do legado do arquiteto, que conciliou refinamento e simplicidade. (sobre Flávio de Carvalho)
26	16/9/01	ESP Por uma fusão de arquitetura e artes plásticas	Claudio Tozzi (esp)	D14	artes plásticas Caderno 2 + arquitetura	- Livro relata perseguição popular ao autor por usar boné em procissão em 1931, em São

Tabela com artigos selecionados do ano 2001 (continuação)

27	22/9/01	ESP	Teixeira Coelho inveta biografia de Niemeyer	Francisco Costa - editor revista USP (esp)	D7	Caderno 2 livro	- Usando fatos da vida do arquiteto o autor cria um tratado sobre a falência das artes. (Niemeyer, um romance. Editora Iluminuras)
28	25/9/01	JT	O que fazer para recriar a praça Roosevelt	Mauro Mug	14A	exposição no IAB	(sobre projetos de reurbanização da Praça Roosevelt)
29	27/9/01	FSP	Iphan deve tombar museu sem contemplar reformas	Fábio Cypriano	E5	Ilustrada MASP	- "Vamos recorrer da decisão", diz o presidente da instituição, Julio Neves. (sobre tombamento e reformas no museu)
30	2/10/01	FSP	"A arquitetura não é tão importante quanto a vida"	Rodrigo Moura	E3	Ilustrada O. Niemeyer	- Aos 93, Niemeyer abre ciclo de palestras no Rio para discutir a sua obra.
31	26/10/01	ESP	Cláudio Bernardes, o construtor da natureza	Jotabê Medeiros	D7	Caderno 2 Claudio Bernardes	- Morto anteontem aos 52 anos, arquiteto deixa uma obra de grande coerência (biografia e depoimentos sobre o arquiteto)
32	27/10/01	ESP	Livro mostra esforço ético e criador de Rino Levi	Jotabê Medeiros	D7	Caderno 2 livro	- Obra será lançada na segunda-feira, às 19 horas, no Centro Cultural da Fiesp.
33	12/11/01	FSP	Ainda há esperança	Oscar Niemeyer	A3	Opinião projetos	- Pelo silêncio sobre o assunto [o projeto de reforma para o antigo DOI-Codi], receio que a obra seja protelada.
34	13/11/01	FSP	Obra revê criador de espaços	Francesca Angiolillo	E3	Ilustrada livro	- 'RINO LEVI', Cem anos do arquiteto paulista são celebrados em livro.
35	17/11/01	FSP	Conjunto histórico é abandonado no Rio	Sbrina Petry	C5	Cotidiano patrimônio	(sobre deterioração de conjunto habitacional "Minhocão")
36	21/11/01	ESP	Rio pode ter filial do Guggenheim	Lucia Martins	D1	Caderno 2 Guggenheim	
37	22/11/01	ESP	Os projetos de Oscar Niemeyer aos 93 anos	Jotabê Medeiros	D1	Caderno 2 O. Niemeyer	- Arquiteto fala de suas próximas obras, como o auditório na Itália e o multiplex em Niterói.
38	26/11/01	FSP	Bienal argentina dedica exposição a brasileiros	Francisco Vieira	E4	bienal de arquitetura Ilustrada Buenos Aires	- Em sua 9ª edição, evento reúne profissionais de 24 países.
39	9/12/01	FSP	Arquitetura da reconstrução	Maurício Santana Dias	1-10	Mais Paolo Portuguesi	- Um dos principais teóricos da arquitetura em atividade, o italiano Paolo Portuguesi discute em entrevista exclusiva o vazio deixado pelas torres gêmeas em Nova York, critica os projetos do norte-americano Frank Gehry e defende um retorno ao modelo das c
40	12/12/01	FSP	De Paraisópolis a Barcelona	Cassiano Elek Machado	E5	Ilustrada documentário	- Documentário sobre morador da favela paulistana faz parte das comemorações do sesquicentenário de Antoni Gaudí.
41	20/12/01	FSP	Estudo flagra a arquitetura das "quebradas" de Hélio Oiticica	Rodrigo Moura	E5	Ilustrada livro	("Estética da ginga - a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica" de Paola B Jacques)
42	30/12/01	ESP	Zanine buscou equilíbrio nas ruínas da natureza	Jotabê Medeiros	D4	Caderno 2 Zanine Caldas	- Morto no dia 20, arquiteto e designer baiano deixou uma lição de elegância.

Tabela com artigos selecionados do ano 2002

	Data		Título	Autoria	pg.	Editoria Assunto	Subtítulo/ (+observações)
1	14/1/02	ESP	Equipe da Fundação Guggenheim visita zona portuária do Rio	Nilson Brandão Júnior	C1	Cidades Guggenheim	- "O local poderá abrigar uma filial do museu e se tornar novo ponto turístico da cidade". (equipe visita local, inclui Jean Nouvel e diretor do Guggenheim Bilbao, Juan Manuel Vidarte)
2	14/1/02	FSP	Missão do museu inicia estudos de viabilidade	Maurício Thuswohl	C4	Ilustrada Guggenheim	(equipe visita local após depósito de US\$ 2 milhões)
3	21/1/02	JT	Os museus viram peça de museu	André Nigri	C1	museus	- "O Guggenheim de Bilbao é o principal exemplo da crise que atinge muitos dos museus contemporâneos: a arquitetura grandiosa e exuberante acaba prevalecendo sobre a qualidade do acervo".
4	5/2/02	ESP	Oscar Niemeyer será homenageado em Paris	Beatriz Coelho Silva	D7	Caderno 2 O. Niemeyer	- "Aos 94 anos, o artista continua trabalhando e prepara dois novos projetos"
5	16/2/02	FSP	Projeto transforma a vista do Ibirapuera	Ana Weiss	E7	Ilustrada Bienal de Arquit. SP	(montagem da bienal)
6	17/2/02	ESP	Gaudi, a fantasia maior da arquitetura	Herbert Muschamp (NY Times)	D14	Caderno 2 Gaudí	- "Barcelona comemora este ano o sequeicentenário do artista catalão". (Lançamento de livro "Gaudi" de Gijs Van Hensbergen)
7	24/2/02	FSP	O revolucionário tranquilo	Otília Beatriz Fiori	1-12	Mais Lúcio Costa	- "A ensaísta discute a trajetória do urbanista e sua importância no processo de formação de uma certa modernidade na arquitetura brasileira".
8	27/2/02	ESP	Lúcio Costa, o arquiteto da paixão e do engenho	Jotabê Medeiros	D1	Caderno 2 Lúcio Costa	- "Rio terá mostra com rascunhos de Lúcio Costa". (com texto inédito do L C de 1981)
9	6/3/02	FSP	Lagos é aqui	Fábio Cypriano	E1	Ilustrada Rem Koolhaas	- "Rem Koolhaas, que participa do artecidade zonaleste, compara SP à capital da Nigéria". (e projeta elevador para o São Vito)
10	20/3/02	ESP	No Villa-Lobos, teatro restaura arte dos anos 50	Mauro Mug	C6	Cidades projeto de teatro	(Governo e Abal assinam protocolo de intensões para construção de complexo cultural - projeto de Miguel Julião resgata conceito de teatro de alumínio da dec. de 50)
11	2/4/02	FSP	Arquitetura	Francisco Segnini Jr.	A3	Opinião nota de protesto	(professor da FAU São Carlos lamenta a forma com que a Folha trata a arquitetura)
12	11/4/02	ESP	Os intestinos expostos do Arte/Cidade	Aracy Amaral (especial)	D6	Caderno 2 Arte/Cidade	- "Evento em sua 4ª edição expõe a deterioração da megalópole a partir de intervenções na zona leste".
13	17/4/02	ESP	Restaurada casa considerada obra-prima	Associated Press	C6	Cidades Frank Lloyd Wright	- "Marco da arquitetura do século 20 passou por reforma de US\$ 11 milhões". (Fallingwater)
14	21/4/02	FSP	É preciso enforcar os arquitetos	Jorge Coli	23	Mais arquitetos	(historiador da arte escreve sobre questões da arquitetura, arquitetos, e exposições em Paris sobre O. Niemeyer e Jean Nouvel)
15	29/4/02	FSP	Niemeyer traçou MAC mantendo paisagem	SC (sucursal do Rio)	F6	Turismo MAC/ Niteroi	- "Arquiteto conta que concebeu o MAC depois de desenhar as montanhas e o mar" (Frei Otto é homenageado na USP - descrição de trabalhos, impressões de visita e idéias)
16	4/5/02	ESP	No Brasil, a insustentável leveza de Frei Otto	Jotabê Medeiros		Caderno 2 Frei Otto	- "Ele prega uma 'arquitetura do mínimo'"
17	5/5/02	ESP	Região da Berrini ganha o edifício dos sonhos	Iuri Pitta	A10	tecnologia	- "Cheia de truques e segredos, a torre do Bank Boston é um primor tecnológico".
18	13/5/02	FSP	Lucio Costa	Francesca Angiolillo	E10	Ilustrada Lúcio Costa	- "Seminário internacional noRio amplia escala do olhar sobre o arquiteto e urbanista, que completaria cem anos".
19	19/5/02	ESP	Capítulos essenciais da arquitetura e do desin	MH	D14	Caderno 2 livros Cosac & Naif	- "Obras tratam de autores fundamentais como Niemeyer, Corbusier e os Eames".
20	22/5/02	JT	Três urbanistas, três visões de nosso centro	Kety Shapazian	A12	centro velho	(os arquitetos Alfredo Garay - Argentina, Rafael Rojas - Cuba e Jose María Botey Espanha, visitam obras de restauração no centro de São Paulo)
21	23/5/02	JT	O urbanista e o pedreiro, unidos por Gaudí	Kety Shapazian	A20	Gaudí	(José M Botey visita o pedreiro que lembra Gaudí na favela de Paraisópolis)
22	27/5/02	ESP	Livro traz 12 textos inéditos de Burle Marx	Jotabê Medeiros	D1	Caderno 2 Burle Marx	- "Livro traz 12 textos inéditos de Burle Marx" ("Arte & Paisagem", Studio Nobel)
23	3/6/02	FSP	Museus estão virando shoppings', diz Siza	Cassiano Elek	E3	Ilustrada museus	(entrevistado, A. Siza fala sobre museus no lançamento do projeto do Museu Iberê Camargo)
24	4/6/02	ESP	O museu que Álvaro Siza projetou para Iberê Camargo	Machado			
25	4/6/02	ESP	Camargo	Maria Hirszman		Caderno 2 museus	- "Arquiteto português lança em Porto Alegre a pedra fundamental do edifício".
26	16/6/02	FSP	falência dos órgãos	Elvira Lobato		Cotidiano Sérgio Bernardes	(nota e pequena biografia)
27	21/6/02	FSP	Os grandes sonhos de Sérgio Bernardes	Carlos Heitor Cony	E18	Ilustrada Sérgio Bernardes	(crônica escrita sobre passagens da vida de Sérgio Bernardes)
28	24/6/02	JT	Burle Marx, muito além do jardim	Ferraz	C1	Burle Marx	(exposição de peças de Burle Marx no Memorial da América Latina)
29	26/6/02	FSP	Das prostitutas aos arquitetos	Gilberto Dimenstein	C2	Cotidiano centro velho	(trabalhos de arquitetos e da Escola da Cidade na região central da cidade de São Paulo)
30	30/6/02	ESP	Projeto leva cor e alegria a espaços infantis	Luciana Garbin	C3	Cidades solidariedade	- "Arquitetos e outros profissionais transformam abrigos, creches e centros da juventude pelo País".
31	17/7/02	FSP	NY exclui arranha-céus no lugar do WTC	Sérgio Dávila	A11	Mundo WTC	- "Seis projetos para a área das Torres Gêmeas foram apresentados, mas nenhum prevê prédios tão altos".

Tabela com artigos selecionados do ano 2002 (continuação)

	Data	Título	Autoria	pg.	Editoria Assunto	Subtítulo/ (+observações)
31	17/7/02	JT NY estuda os projetos para substituir o WTC		A12	WTC	(Projeto para o terreno das Torres Gêmeas)
32	26/7/02	ESP Niemeyer vai projetar memorial de Portinari	Nelson Carrer Júnior	C8	Cidades projeto	- "Obra deve ficar pronta em 2003, ano do centenário de nascimento do pintor". (projeto para Brodowski)
33	28/7/02	FSP Popularizado', neoclássico sai de moda no alto padrão	Elenita Fogaça	1	Imóveis arquitetura	- "Embora seja sinônimo de imponência e luxo, neoclássico divide opiniões entre arquitetos e construtores".
34	5/8/02	ESP Rio 'descobre' obras de arte em escolas públicas	Clarissa Thomé	A12	patrimônio	(painéis e pinturas de Portinari, Manabu Mabe, Di Cavalcante, Burle Marx em escolas)
35	3/9/02	ESP Colégio Santa Cruz inaugura o seu teatro	Beth Néspoli	D4	Caderno 2 projeto de teatro	(inauguração de teatro - projeto premiado na Quadrienal de Praga)
36	6/9/02	FSP Favelas & controvérsias	Alcino Leite Neto	E13	Ilustrada bienal de Veneza	- "Polêmico pavilhão brasileiro na 8ª Mostra de Arquitetura é inaugurado hoje na Itália".
37	14/9/02	FSP Oscar Niemeyer o comunista manifesto	Cassiano Elek Machado	E1	Ilustrada O. Niemeyer	(Danuza Leão - "Conversa de Amigos" é o título do livro que reúne a troca de cartas entre Oscar Niemeyer e seu projetista, José Carlos Sussekind)
38	15/9/02	ESP Tragédia do 11/9 muda conceito de arranha-céu	Eric Lipton e James Glanz (NY Times)	A21	Internacional terrorismo	- "Construtores nos EUA alteram projetos, reforçam estruturas e já não competem pela altura".
39	21/9/02	ESP Diálogo afetuoso entre Niemeyer e Sussekind	Maria Hirszman	D7	Caderno 2 livro	política".
40	10/10/02	ESP O pedreiro brasileiro que provoca lembranças de Gaudí	Rosa Bastos	C2	Cidades Gaudí	(o pedreiro que lembra Gaudí na favela de Paraisópolis)
41	28/10/02	FSP FAU celebra 100 anos da Vila Penteado	Fabio Cypriano	E3	Ilustrada patrimônio	- "Inauguração de biblioteca e lançamento de livros marcam aniversário da sede de curso de arquitetura da USP".
42	31/10/02	ESP Luta pela obra de Niemeyer nos EUA	Kimberly Stevens (NY Times)	C7	Cidades patrimônio	- "Grupos americanos querem preservar casa projetada pelo arquiteto em Los Angeles".
43	3/11/02	ESP Estudantes renovam mercado com idéias criativas	Rafael Ribella	Cc1	Cidades concurso de projeto	- "Concursos premiam projetos mais inovadores e incentivam o surgimento de novos talentos no País".
44	18/11/02	FSP O ANTI-Guggenheim	Marcelo Rezende	E1	Ilustrada museus	- "NovoMuseu abre dia 22 com sete mostras".
45	21/11/02	ESP Museu de Curitiba afirma a identidade brasileira	Angélica de Moraes	D7	Caderno 2 museus	(Curitiba - Paraná, o NovoMuseu terá um núcleo dedicado à arquitetura)
46	22/11/02	FSP O NovoMuseu	Oscar Niemeyer	A3	Opinião museus	- "Com projeto de Oscar Niemeyer, e dedicado às artes visuais, design e arquitetura, o Novomuseu que será inaugurado amanhã, terá uma das maiores áreas espositivas do País e (texto sobre o NovoMuseu de Curitiba)
47	27/11/02	FSP Caos urbano é fruto da megalomania'	Marcelo Rezende	E8	Ilustrada atuação dos arquitetos	- "Os libaneses Tony Chakar e Naji Assi participam do projeto 'São Paulo S.A.', que encerra hoje ciclo de debates".
48	5/12/02	ESP Como se tudo começasse outra vez	Oscar Niemeyer	C3	Cidades Ibirapuera	- "Arquiteto explica que falta do auditório o entristece e deixa entrada do parque incompleta".
49	7/12/02	FSP A arte na medida de Gullar	Cassiano Elek Machado	E1-4	Ilustrada artes	- "Poeta questiona o conceitual e afirma que as boas obras não exercem função social".
50	12/12/02	JT Nasce um Niemeyer	(nota)	A8	projeto	- "A vanguarda está morta e só falta enterrar".
51	14/12/02	FSP "Ondas" de Burle Marx ganham Madri em 2003	Fabio Cypriano	E16	Ilustrada exposição	(nota sobre projeto de Niemeyer em Alphaville - São Paulo)
						- "Réplica de 400m da calçada de Copacabana será exposta em uma mostra do paisagista na capital Espanhola".